

A CARA DA RUA

E OUTRAS CRÔNICAS

MARCELO
XAVIER



MANUAL
do Professor

Joaquim

A CARA DA RUA

E OUTRAS CRÔNICAS

MARCELO
XAVIER

1ª edição
2018

Joaquim

Copyright © Marcelo Xavier, 2013

Gerente editorial: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora: Kandy Saraiva

Auxiliar de serviços editoriais: Flávia Zambon

Estagiária: Gabriela Damico

Preparação de texto: Laura Vecchioli

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho, Celina I. Fugyama e
Gabriela M. Andrade

Projeto gráfico: Marcelo Xavier

Diagramação: Rosa Design Gráfico

Capa: Marcelo Xavier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xavier, Marcelo

A cara da rua e outras crônicas / Marcelo Xavier.

— 1. ed. — São Paulo : Editora Joaquim, 2018.

1. Crônicas – Literatura infantojuvenil I. Título.

18-17116

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Crônicas : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

ISBN 978-85-68005-29-3 (aluno)

ISBN 978-85-68005-35-4 (professor)

1ª edição, 2018

Joaquim

Todos os direitos reservados à

Editora Joaquim Ltda.

Avenida das Nações Unidas, 7221 — 1ª andar

Setor C — Espaço 3

Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902

*Dedico este livro ao amigo Álvaro Gentil e ao
Dr. José Mariano Lanna, meus incentivadores, que
“leram” estas crônicas antes de elas serem escritas.*

*Agradeço a Beth Neves, Leonardo Medina,
Cristiano Machado, professor Helinho e Helcio Zolini.*

C omo você descreveria a rua onde mora? E a rua onde se localiza a escola em que você estuda? Como é o sol que brilha sobre o céu de cada uma delas? Que som têm as luzes dessas ruas? Você conseguiria descrever as plantas, as praças e as bermudas que circulam por ali?

Neste livro que você vai ler, *A cara da rua e outras crônicas*, Marcelo Xavier, um grande observador de ruas e pessoas, apresenta um olhar inusitado sobre a cidade e seus moradores. E ainda lança um desafio: “E agora, na segunda década do século XXI, qual é a cara da rua? Talvez você não saiba responder. É que ela passa, todos os dias, diante do seu nariz e você não a vê”.

Você concorda com essas afirmações do autor? Leia as 31 crônicas deste livro, observe com atenção as imagens que acompanham cada uma delas e volte a pensar sobre todas essas perguntas. Será que sua opinião sobre as ruas vai mudar?

Boa leitura!

Sumário

O sol de cada um	8
Objetos	11
A toca	14
Guerrilha estética	17
Janelas	20
Cores	23
Incompatíveis	26
Metamorfose do século XXI	29
Os MACSI	32
Caracóis metálicos	35
O hóspede e o habitante	38
Sirenes	41
Duas brasileiras	44
Horta no asfalto	47
A cara da rua	50
Insetos	53

Credo urbano	56
Vagas	59
Praça	62
Teia de números	65
Grãos mágicos	68
Quartos	71
Falhas	74
Emoções públicas	77
Cacos	80
Rua	83
Acordar	86
Miseráveis	89
Povo	92
Portas	95
Fugaz	98

O sol de cada um

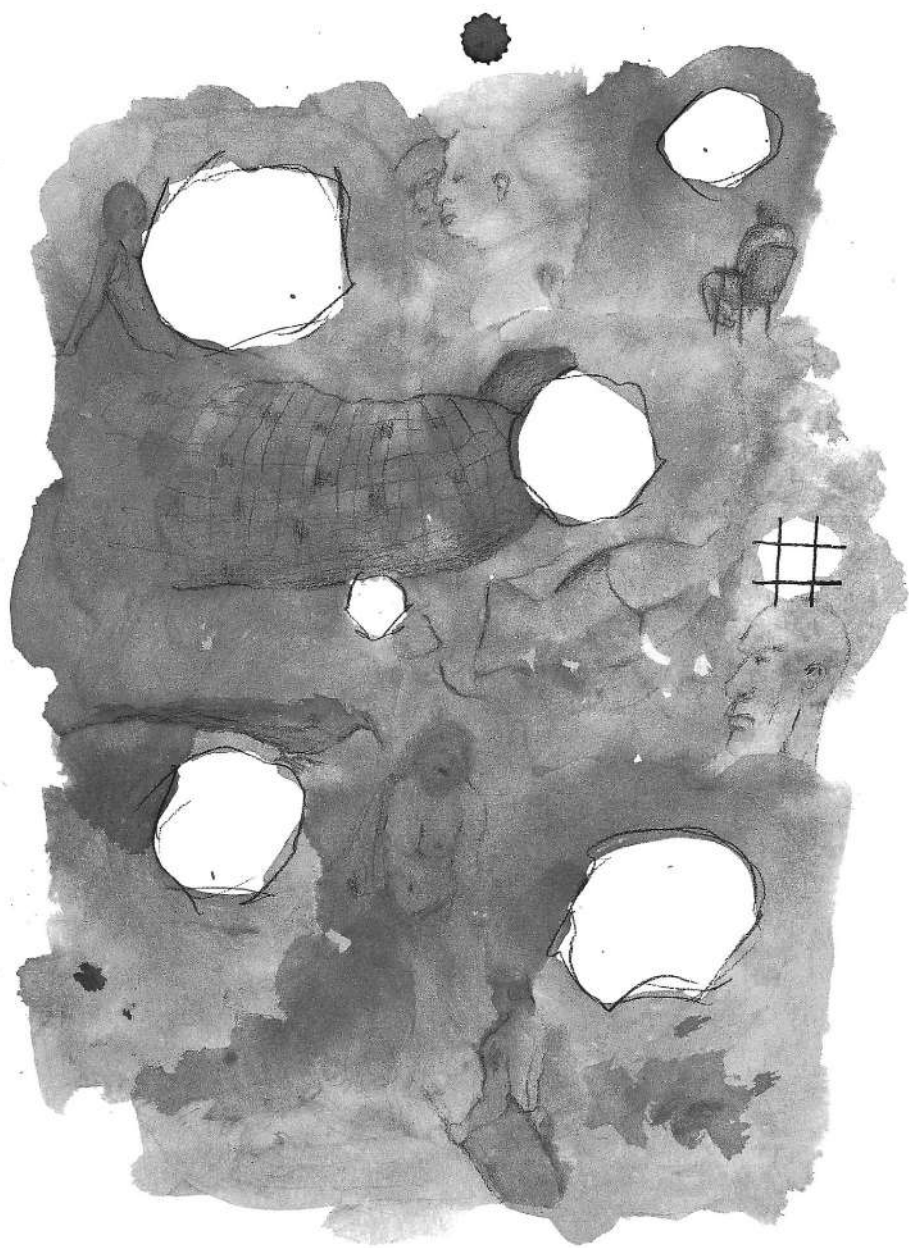
Amanhece na cidade. Inúmeros sóis nascem. Os raios de um deles se quebram entre os edifícios, infiltrando-se por frestas de persianas e de cortinas semiabertas. Mas são recebidos com palavrões e ofensas de estudantes sonolentos e funcionários insatisfeitos.

Os de outro sol chegam para resgatar os velhos do inverno permanente em que vivem. Estes, com os olhos já abertos desde a madrugada, agradecem o calor e a chegada do dia. Logo, estarão com o sol nos pátios, na porta de casa, se aquecendo.

Na maternidade, o sol é novinho para os que acabaram de chegar – a mãe recém-nascida oferece o filho à luz. Mistério, delicadeza, ternura – tudo junto.

O sol dos presos é apenas mais um na angustiante contagem regressiva de suas penas. A liberdade com que atravessa o céu soa como deboche, e eles o maldizem. Lançam-lhe ameaças de vingança, de acerto de contas, assim que se virem livres.

Nos hospitais, na presença da dor, em cenários de bioguerra pela sobrevivência, o sol adoecido não passa de tênue claridade filtrada por cortinas cerradas, imerso em penumbra e tédio. Tanto faz se nascente ou poente, ou em que ponto do céu se encontra. O que assiste aos pacientes terminais – o último sol – é sagrado, é ponto de partida. É o círculo que se fecha.



O dos amantes, refestelados em camas exauridas pelo prazer da noite, reacende o desejo, intromete-se entre lençóis e travesseiros. A ele fazem declarações de amor sussurrado e intenso e voltam a se abraçar.

O dos deprimidos encontra as janelas fechadas — sem brilho, sem força, sem cor. Permanece lá fora, ignorado. Lá dentro, no escuro daqueles espíritos fotofóbicos, apenas o silêncio incômodo e corrosivo.

O dos trabalhadores entra pelas janelas escancaradas, dá-lhes um banho revigorante, serve-lhes café com pão e esperança. Leva-os até o serviço. Ganha deles amizade leal e admiração.

Há ainda muitos outros sóis. É distinto o sol dos ricos e o dos pobres, o dos homens e o das mulheres, o dos vitoriosos e o dos derrotados. Há o sol dos policiais, dos religiosos, das prostitutas, dos loucos, dos suicidas. Há, sobretudo, o sol das crianças, protetor dos brinquedos e das brincadeiras ao ar livre, pintado num céu de fantasia, livre das intempéries adultas.

Anoitece. Cada um se cobre com a noite que lhe cabe. E elas são tantas quanto os inúmeros sóis que acabam de se pôr.

Objetos

“Ver uma camisa de homem na cadeira me ferveu o sangue. Ela foi a culpada. Com os botões abertos, suada, se sentindo em casa... um desrespeito, uma provocação. E eu nem havia entrado no quarto. Na cozinha, a faca pulou na minha mão, me instigando com sua língua fria e afiada: vai, cara, reage! Voltei pra copa, e a camisa ali, debochando de mim”. Deu no jornal: “Marido traído dá sete facadas na camisa do amante da mulher e liga para a polícia!” É isso aí.

Os objetos se expressam, têm vida própria. Excitam os espíritos, exaltam os ânimos, levam a reações impensáveis. Possuem qualidades ou mesmo defeitos que estão sujeitos a todo tipo de tratamento. Formas, cores, matérias, funções: são essas as causas de sua aceitação ou rejeição, adoração ou desprezo. Indiferentes aos julgamentos, os objetos se apresentam ao mundo sem disfarces. São o que são. Nós os criamos; agora, são eles que dão as cartas.

O que vemos nas ruas são objetos em movimento — carros, roupas, adereços — conduzindo pessoas. Somos, aos olhos do mundo, o que eles dizem que somos — ricos, pobres, bregas, chiques, descolados ou conservadores. Seus atributos se transferem a nós. E nessa confusão de atribuições entra o veneno do preconceito — perversa particularidade humana, inoculado nos objetos. O olhar

que percebe uma cadeira de rodas não é o mesmo que vê uma bicicleta.

Muletas, bengalas e outros auxiliares das deficiências carregam o estigma de suas funções. Ainda que respeitados por seu nobre trabalho, não se livram da discriminação. Ou são aceitos, mas com reservas. Carros velhos olhados com desdém, roupas fora de moda condenadas ao ostracismo, lugares evitados por sua decoração de “mau gosto”.

Há algumas décadas, sutiãs-mártires foram queimados em praça pública. Mais recentemente, um paletó dourado foi atacado numa festa. Uma minissaia foi violentada em determinada escola. Uma cadeira de rodas foi proibida de entrar num bar. Uma camiseta estampada com um arco-íris sofreu violenta agressão em São Paulo. Em Brasília, botaram fogo em um cocar que dormia num ponto de ônibus. Um velho sofá com suas roupas rasgadas foi expulso de casa e hoje é morador de rua. No anel rodoviário, uma motocicleta foi perseguida e morta por um caminhão...

Vivemos cercados de objetos por todos os lados, em dependência crescente e irreversível. E por ironia, nos tornamos objetos de sua dominação.



A toca

Sair e voltar. Ao fim do dia ou da noite... voltar. Fazer-se presente no banquete do mundo, sem restrições – comer, sem deixar no prato, beber os amores que nos sirvam, até a última gota, mas voltar, sempre. Sina animal: voltar à toca. Por precisão, por necessidade.

É ela, a cidade, um corpo oco. Labirinto de cavernas geométricas, empilhadas como caixas de supermercado, para onde sempre voltamos, guiados pelo Fio de Ariadne dos endereços. Se o primeiro impulso da criança que caminha livre se faz em direção à rua sedutora – à porta de saída –, o segundo vai em direção oposta: à casa, ao carinho, à proteção. Satisfeitos os anseios de liberdade e novidade, ela faz o caminho de volta – porta adentro.

Sair e voltar – movimento de respiração da cidade –, encher-se e esvaziar-se continuamente da multidão que sai às ruas durante o dia e se recolhe ao anoitecer.

Exaustos, buscamos o caminho da toca. O ar livre nos aflige por sua imensidão – o céu como limite. Sem sermos agorafóbicos, fugimos para o abraço da casa. Lançar-se ao mar imprevisível pressupõe o retorno ao porto seguro. A natureza selvagem não nos abriga. Ao contrário, submete-nos a toda sorte de adversidades. Zomba de nossa prepotência, torna evidente nossa dependência cultural. Precisamos de teto, paredes... um canto. O colo da noite aberta é belo, mas também frio e



úmido. Melhor é sua pequena porção fechada e quente no fundo da toca. A cama no campo é grande demais para nos aconchegar. Somos bichos civilizados e frágeis. Queremos a toca protegida por uma porta e forrada de panos; num canto, o fogo ancestral preservado. E nesse refúgio, queremos a boa companhia.

Somos das cavernas. E sempre voltaremos à nossa toca – íntima e única. Uma retorno ao lugar no espaço, mas nunca no tempo: impossível. Sempre que regressamos, mesmo depois de apenas um dia ou uma noite, ela terá se deslocado em direção ao futuro – será outra, mas também a mesma. O lugar no espaço é sólido, permanente, palpável. O mesmo lugar no tempo é líquido, mutante, intangível. Por isso, retornamos: para que o espírito – etéreo, imaterial – se abrigue na matéria e não se perca na abstração, na fantasia, na loucura sem volta.

Guerrilha estética

Mal retiradas as ervas daninhas do jardim, lá estão elas de volta. Crescendo com força absurda, perturbando a ordem dos canteiros. Dizem grosserias às flores delicadas, instigam plantas bem-nascidas, disciplinadas, educadas pelo podão, à desobediência estética. Mas, rebeldes, insistem na defesa de seu território. Nasceram e cresceram onde desejaram, decididamente – e por gerações e gerações. Afinal, são fortes suas raízes, a tradição.

Definitivamente não aceitam passivas que lhes roubem o chão natural para acomodar estranhas criaturas, trazidas de longe, simplesmente por serem mais belas, exóticas, ou constarem em projetos de paisagistas ou jardineiros. Ervas daninhas – mal-educadas, toscas, sem graça – jamais estariam nos planos de belos jardins. Rosa, Dália, Margarida: a ralé da botânica teria nomes doces assim? Praga, o tratamento que lhes convém – dizem seus desafetos.

Todavia, são fortes, valentes, perseverantes. Lutarão por seus direitos – guerrilheiras escondidas sob a terra, diariamente à espera da senha do sol ou da lua para se lançar à batalha da sobrevivência. E mais: nunca tiveram a mesa farta de adubos, regadores, olhares de admiração. Comem terra e cocô de minhoca, bebem chuva – sempre gratas. Não sabem o que é ser desejada, colhida por amor, acolhida em casa, hospedar-se em hotéis de luxo, frequentar festas, estar em jarros de cristal.

Arrancadas em gestos brutos, muitas vezes raivosos, são flagradas clandestinas, entre a fina flor dos jardins. Nunca se leva em conta seu desejo de continuar ali, desdobrando-se em sementes. Malvistas, malquistas, fogem da mirada fatal do jardineiro, escapam por rachaduras no cimento da calçada, numa fresta de muro, no vacilo entre duas pedras.

Em ataques recorrentes a praças, parques, jardins públicos, agem como terroristas-estéticos e são combatidas ferozmente por agentes do GCED (Grupo de Caça às Ervas Daninhas). Impiedosos, “limpam” a área dessas “penetras marginais”.

Pobres criaturas do reino vegetal – perseguidas, rejeitadas pela pretensão estética do gosto humano. Furiosa, a natureza investe contra os agressores, numa proliferação sem fim da praga.

E para nos redimir, preparemos um suntuoso jantar, oferecido a jardineiros e paisagistas. Ao centro da mesa e das atenções, um belo arranjo de ervas daninhas.



Janelas

Desde sempre se soube que os olhos são janelas da alma. Sendo assim, a cidade nos olha com sua infinidade de olhos-janelas e nos expõe sua alma múltipla. Alternadamente, abrem-se e fecham-se pálpebras de tecido, de alumínio, de madeira sobre córneas de vidro. Em cada uma, uma história, como num mosaico de opções que a TV oferece em cardápios de filmes – de amor, de sexo, de ação. Famílias, músicos em exercícios maçantes, crianças em prisão domiciliar escapando por túneis de imagens virtuais, velhos se ajustando a quadrados de sol que não param de se mover, masturbadores de hora marcada, exibicionistas, “escravos.com”, mulheres descendo cachoeiras de fios sem fim de seus penteados, pessoas se vestindo para o teatro da rua... Exatamente como nos filmes, não se vê tudo, apenas cenas cortadas, editadas na imaginação do *voyeur* – fértil e sem limites. Nascem contos de fada, romances impossíveis, relações absurdas, comportamentos suspeitos, personagens bizarras, histórias sinistras, perversões, dramas. Janelas distantes são filmes mudos, silenciosos.

Janelas mais próximas têm falas e trilha sonora. Sons e imagens em impressionante coerência e sintonia. Para o quarto do jovem afogado na bagunça, *rock*. Para o do intelectual cercado de livros, clássicos. Para o de universitários despojados, MPB. Para a briga de família, insultos.



De onde vem cheiro de maconha, *reggae*. De onde a faxineira cumpre sua diária, pagode. De onde um par de pernas inchadas assiste à Sessão da Tarde, dublagens risíveis. De onde um homem vive só com seu gato, silêncio.

À noite os olhos da cidade brilham. Alguns choram. Outros riem, celebram encontros, dançam. Os cansados apagam. Os insones atravessam a noite acesos. Os amantes se avermelham. Os agitados olham em todas as direções. Os quietos hibernam sob a luz inquieta da TV. Os insaciáveis leem. Os tímidos se fecham. Os generosos demonstram a nudez e a naturalidade. Os deprimidos ficam cada vez mais turvos, até se tornarem irreversivelmente vagos.

Janelas muito, muito, distantes, reduzidas a pontos de luz e apanhadas pela teia da poesia, se tornam estrelas caídas no mundo, vaga-lumes urbanos, incrustações de brilhantes — sinais enigmáticos de vida pisca-piscando.

Cores

Há muito mais cores na cidade além do vermelho, do amarelo e do verde dos sinais de trânsito. Dê atenção a elas, claro, mas olhe mais, muito mais.

Vivemos imersos em uma gigantesca pintura tridimensional. Não há sequer um ponto à nossa volta sem cor, incluindo o céu e suas fantásticas mutações.

Cor é música, música é cor: o som da luz. Como notas musicais, cores sobem e descem escalas, formam acordes perfeitos ou dissonantes, variam em intensidade, volume e harmonia, prestam-se a infinitas composições.

Corra os olhos pelo interior da casa antes de deixá-los voar pela janela. Procure um vazio de cor. Não haverá. Onde termina uma, outra a sucede, e assim infinitamente. Tudo o que nos cerca – móveis, objetos, tecidos, pisos, tetos, paredes – soa determinada cor, como instrumento de uma orquestra.

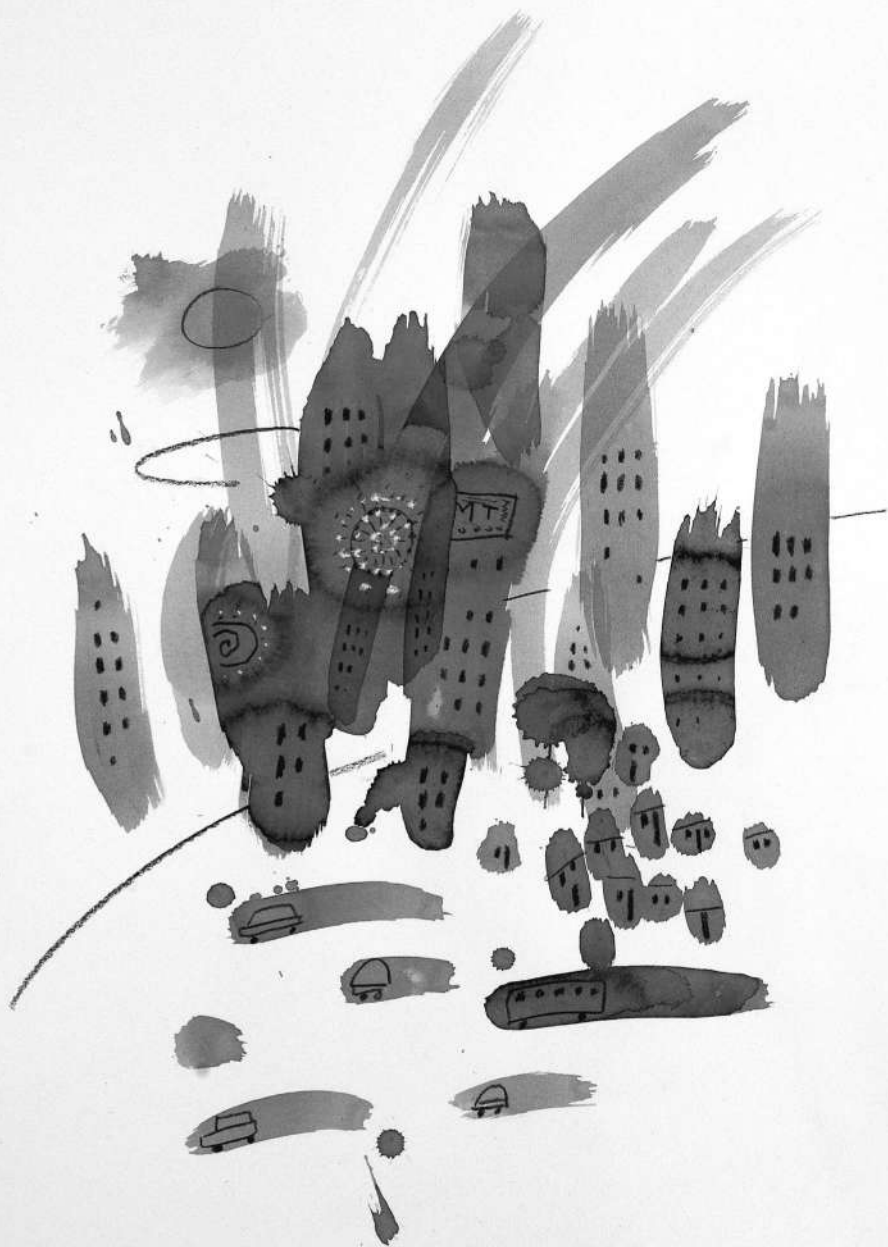
Abra as cortinas e assista à sinfonia que se apresenta lá fora: o extraordinário mosaico de cores traduzido por uma composição musical polifônica – tons, semitons, microtons, nuances, volumes, texturas. Ouça as cores da arquitetura em acordes comidos – *pianissimi* beges, brancos, cinza. Belos, os contrapontos forte e *fortissimo* dos ipês amarelos, dos *flamboyants* vermelhos, das quaresmeiras roxas. Observe os solos de metais dos veículos nas ruas: há brancos, pretos, prata, laranja intenso, amarelos, azul.

Mire as pessoas: pele, cabelos, lábios coloridos são canções sensuais. Roupas cantam cores em uníssono, duetos *ton sur ton*, trios desafinados, arranjos policrômicos. Em colares, pulseiras e brincos, as cores tocam notas falsas de esmeraldas, safiras, rubis em *staccato* e *legato* de fios e voltas.

Na caótica ópera urbana, ouvem-se agudos de soprano nas cores dos painéis publicitários. Em outra ária, a das margens imundas do rio social – sob os palcos da cidade-espetáculo –, as cores graves da miséria soam tristes solos de contrabaixo.

Nas pausas, cores exaustas esperam pelo azul, o amarelo e o vermelho dos ônibus de seus destinos – lotados, em irritante *rallentando*.

A magnífica pintura da cidade é obra coletiva. Cada uma de suas cores tem autoria: arquitetos colorem edifícios, moradores pincelam morros, *designers* pintam veículos, grafiteiros acendem muros e meninos tocam o céu com as notas coloridas das pipas...



Incompatíveis

O moço bateu as mãos na porta giratória com a certeza de que ela o cuspiria para dentro do banco. A porta de vidro descreveu um ângulo de cinco graus e travou. O segurança do outro lado gesticulava, apontando o recipiente de acrílico à sua frente: “Esvazie os bolsos, põe tudo aí”. O moço, de camiseta e bermuda, obedeceu. O guarda pediu-lhe que retornasse à faixa amarela no chão e entrasse novamente. De novo a porta travou. “Olha direito, cara!”, pediu o segurança. Era bem possível que um dos inúmeros bolsos da bermuda ainda não tivesse sido revistado. Da nova busca, surgiu uma moeda de R\$ 2,00 e um clipe. Era isso! A fila impaciente, que aguardava o desfecho da cena, ficou ruminando os dois ridículos plim-plins dos pequenos empecilhos caindo na caixa de acrílico. O jovem voltou à faixa amarela e tornou a empurrar a porta giratória. Mais uma vez ela o barrou. A fila se agitou e bufou como um boitatá irado. Pressionado por todos os lados e no limite de sua inabalável paz, o rapaz enfiou a mão no bolso uma última vez e trouxe de lá uma folha de papel dobrado, que ele jogou na caixa de acrílico com deboche. A porta girou noventa graus e o pôs para dentro. Antes que recolhesse os objetos que estavam na bolsa de canguru, da porta o segurança deu um bote e catou o papel dobrado. Assim que o rapaz pegou suas coisas, o guarda pediu que ele o



QUE LI
AITEVA
BO EUSU
QUE ME
ESCAPAM
MINHAS LUAS
ESTREUS NE ATIMESSAM
O SOL E O VENTO E MINHA
FORMA SE DISSIPA.
PAM MINHAS LUAS
ESTREUS NE ATIM
VASSAM O SOL E O
VENTO MINHA FOR
MA SE O QUE ME
SIPA QUE ES BO
LIMITE PAM
VAGO
EU
SOU
QUE
LIMI
VE

QUE
LIMITE
VAGO EU
SOU QUE
ESCA
ME
LUA
ATIM
SOL E O
VENTO
ME
BO
PAM
M

acompanhasse. Levou-o à gerência e passou ao gerente o papel-bomba. À medida que lia o que havia no papel, o homem se avermelhava e se tornava ofegante. Voltou-se para o jovem e o inquiriu: “Como ousa entrar com material explosivo em um banco? Vocês poetas têm a mesma cara irreverente e esse olhar de compaixão frente à insensibilidade do mundo do qual se excluem. E essa máscara serena que oculta o fogo permanente de combates acirrados em defesa da alma, do amor e da arte. Poetas! Nós os tememos por suas verdades, por sua nudez, por sua emoção. Terroristas, portadores de bombas incendiárias em forma de versos. Bancos e poetas são incompatíveis. São a antimatéria um do outro. Antes que nos invadam e contaminem nossos ambientes racionais-financeiros com sentimentos, instalamos detectores de poesia na porta de entrada”. O homem rasgou o poema recém-nascido àquela noite e mandou que o segurança pusesse o jovem parturiente para fora.

Metamorfose do século XXI

*H*ey, Jude, don't make it bad... Só um minuto, Fred, tenho que atender. Alô? É sim. Pode ser na quarta? Combinado. Até. Me desculpe, tá? Esquenta não. Então, me conta de Manaus, tá gostando? Olha, Gê, no primeiro ano foi difícil — sem a família, os amigos daqui... Hey, Jude, don't make it bad... Oi, mãe. Tudo bom. Eu passo na farmácia e levo pra você. Deixa comigo. Beijo. Tá difícil, né? Bobagem, mãe tem prioridade. Concorde. Continua. Bem, com cinco anos no Norte, eu... Hey, Jude, don't make it bad... É meu sócio. Fala, mano! Já está em Nova York? Qual o hotel? Espera que eu vou anotar. Diga. Ok. Liga amanhã, depois da reunião. Abraço. Celular é essa merda, né? Mas, voltando à vaca fria... Hey, Jude, don't make it bad... Pra mim, chega. Tá aqui minha parte na conta. Te espero em Manaus.

Gê virou o chope quente, pagou a conta e ligou pra casa. Tô saindo do bar, querida. Não, o Fred me deu o bolo. Daqui a pouco tô em casa. Beijo.

Mesmo em casa, ele não desgruda do celular. Sempre à mão na mesa de jantar, na pia do banheiro, no criado-mudo. Deitou-se, amou burocraticamente a esposa e dormiu.

Seis da manhã. Hey, Jude... Catou o celular e correu pro banheiro. Sua mulher ficaria furiosa com Beatles tão cedo no ouvido. Estranhíssimo! Não era o celular que tocava. O chamado vinha de dentro de seu próprio

corpo. Chocou-se ao se ver no espelho. Seus olhos estavam acesos como visores de LED e seu tronco era um enorme teclado de telefone. Na tentativa de interromper a música, bateu a mão na tecla verde: “Gê? É o Fred. Tô ligando pra me desculpar por ontem. Estou indo pro aeroporto...”. Apavorado, apertou a tecla vermelha; os olhos se apagaram, a voz de Fred também. Lembrou-se do Kafka que lera na adolescência. Convencido de sua metamorfose, viu-se obrigado a aceitar o novo corpo. Sentiu fraqueza – bateria fraca, deduziu. Encontrou no alto da cabeça um pequeno orifício – supostamente o ponto de conexão do carregador da bateria. Plugou-se e aguardou o sinal “100% carregada”. Passou um tempo em casa ocupado, encarando-se como máquina. No dia seguinte retomaria a rotina, sabendo de sua limitação: a alternativa para viver melhor certamente seriam os aplicativos. E que, logo, logo, sua mulher o trocaria por um modelo mais novo.



Os MACSI

Músicos devem ser reverenciados, tratados a pão de ló. Simplesmente por manterem a música no ar. Não importa a categoria do músico – clássica, *pop*, brega ou *chic*. Mas de todas elas, uma merece especial atenção. A dos MACSI: Músicos que Atravessam a Cidade com Seus Instrumentos. São vistos caminhando pelas ruas, tomando ônibus, táxi, metrô, entrando em lanchonetes, em cafés. É fácil identificá-los. Estão sempre acompanhados de um estojo (normalmente preto) que sugere, apenas sugere, em sua forma, o instrumento que guarda. Personagem e objeto estarão sempre juntos. Nunca veremos um MACSI a mais de um metro de distância de seu estojo, seu bicho de estimação. Mil vezes confere sua presença e, vez ou outra, o consola: “Calma! Logo, logo vou tirá-lo daí para musicar”.

Os MACSI são formidáveis exemplos de perseverança, de entrega. Além de enfrentarem as conhecidas dificuldades da profissão, literalmente carregam o peso de sua escolha. Convenhamos, não é fácil andar por aí com um violoncelo! Assim, vendo-os passar, sou tomado por um misto de orgulho e gratidão. Tanta gente leva pelas ruas caixas, bolsas, negócios... Apenas os MACSI carregam um universo em seus estojos: o universo possível dos sons musicais. Como contraponto à barulheira das ruas, os MACSI são promessa de paz, de pausa para a escuta.



Meu gosto particular por utopias sugere que, dia desses, em plena semana de trabalho, em uma determinada hora, cada um dos MACSI pare, pegue seu instrumento e toque uma música qualquer. Teríamos aí um desconcerto urbano executado por uma orquestra absurda, gigantesca, espalhada por toda a cidade.

Agora que você os conhece, também pode ter essa sensação. Vá até a rua... Siga-o. A qualquer momento, em algum ponto de sua travessia, ele abrirá seu estojo e servirá deliciosas porções musicais.

Bom apetite!

Caracóis metálicos

S eis e meia. Faz meia hora que o sol nasceu. Pedro acorda, rola e brinca com seu travesseiro na cama, saboreando um pouco mais a sensação de ter o corpo livre e leve antes de se transformar no animal metálico e pesado que deve enfrentar mais uma batalha urbana. A metamorfose já acontece na garagem.

Ao sair do elevador, o metabolismo se altera e seu corpo se prepara para receber o peso da carcaça que carregará durante todo o dia. Enquanto desliza em direção à saída, Pedro observa as outras carcaças que estão ali, à espera de suas porções de vida que também as levarão às ruas. O portão eletrônico se fecha atrás dele, e o animal, liberto, tem a alegria de um cachorro de apartamento que sai para passear. Corre os primeiros cem metros. Para. O motor rosna, a buzina late. Volta a correr.

Mas sua alegria dura apenas alguns quarteirões. Logo o bicho lépido e arisco assume outra configuração. Agora, é um grande caracol rastejando em meio a uma multidão de outros igualmente imensos e lerdos. Depois de meia hora se movendo em câmera lenta, Pedro não sabe mais para onde está indo: para o trabalho? Para a casa da ex, buscar o filho? Para o shopping? A essa altura, já não importa. O caudaloso rio de caracóis certamente vai a algum lugar – talvez desaguar num mar em que milhares

de carcaças obsoletas se recolhem como num cemitério de elefantes.

Sofrendo na lenta marcha da manada metálica que assa sob o sol do verão, Pedro sonha com a noite, com a volta para casa e com o momento de se livrar de sua carga. Prisioneiro do congestionamento, cumprindo sua pena urbana diária, ele se distrai, revendo na memória filminhos publicitários em que os mesmos caracóis se disfarçam de feras ágeis, corcéis velozes, bichos tecnológicos, correndo em lugares fantásticos e vazios. Nas vitrines, nos belos anúncios com mulheres divinas e homens charmosos e no design futurista de máquinas ultravelozes é impossível reconhecer as lesmas que superlotam as ruas. É a dura realidade do dia a dia das grandes cidades que as revela: submissas às direções preestabelecidas, às proibições, aos sinais, às regras: aos fiscais — condição avessa à do corpo livre, leve e solto com que Pedro sonha antes de se levantar.



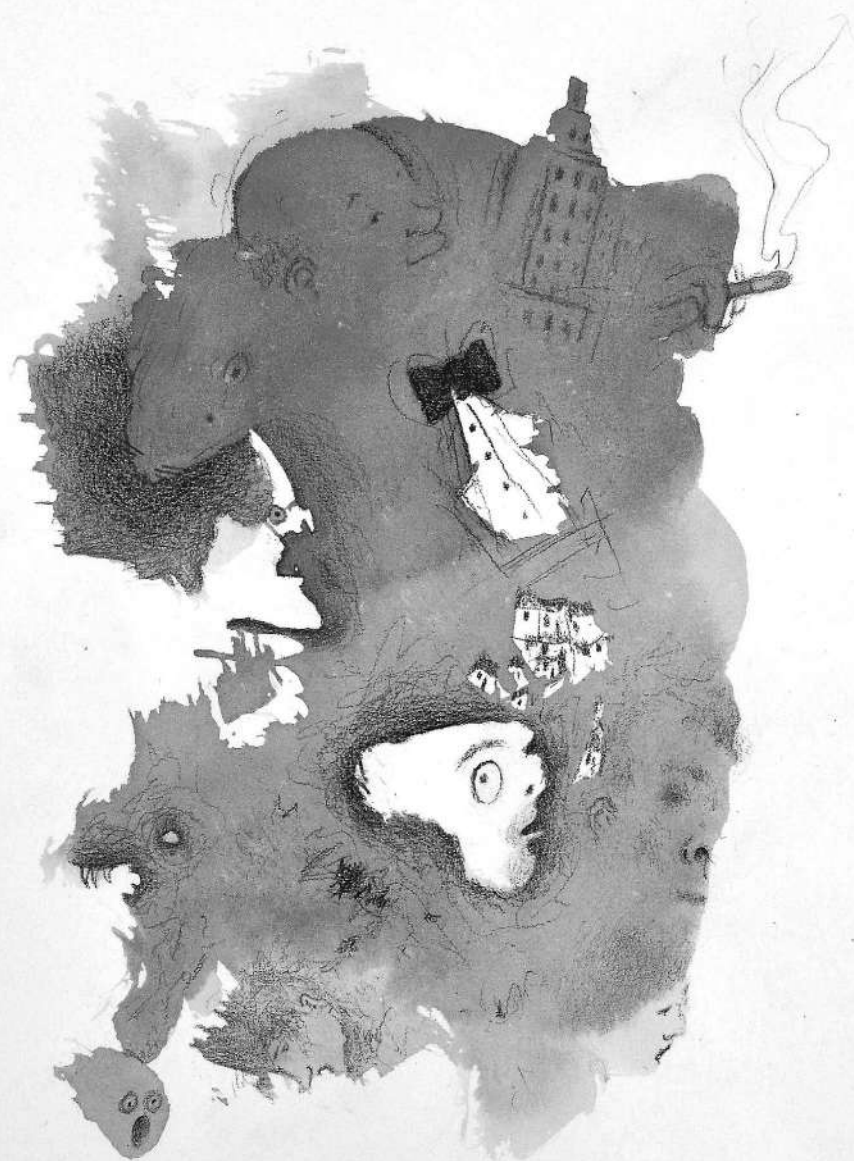
O hóspede e o habitante

A cidade é o *habitat* do cidadão urbano. Mas, pela negligência e indiferença com que a tratamos, parecemos não ter essa verdadeira dimensão. Vivemos como eternos visitantes, alienados, esperando por gentilezas e agrados do anfitrião que, evidentemente, não aparecerá. Seus problemas não nos dizem respeito.

Como pretensos hóspedes, estamos acima deles, apenas desejando gozar o paraíso hoteleiro do “tudo resolvido”, “tudo funcionando” – a mesa posta, a cama arrumada, o banho quente. Mas não é essa a realidade. Não somos passageiros em viagem, não há malas e bagagens nos acompanhando, não há diárias vencendo. Não vivemos aqui provisoriamente e sim, habitamos. E isso faz toda a diferença.

Com o passar do tempo, os habitantes e o lugar que habitam se confundem, se entranham, se espelham. Tornam-se uma só coisa. Identificam-se e pertencem-se. De nada adianta ignorarmos as carências, as desarmonias, as feridas da cidade. Elas compõem nosso *habitat* da mesma maneira que as opulências, as belas obras e as atitudes saudáveis.

Desdenhar os moradores de rua, os perdidos, os insanos que coabitam nosso território, que cruzam nossos caminhos, é omissão inaceitável – como rejeitar parte de nosso corpo que não nos agrada. Torcer o nariz às ocupa-



ções precárias, aos becos, aos improvisos construtivos dos aglomerados que desenham a paisagem da nossa janela — é vislumbrar um mundo particular, restrito e fechado — supostamente perfeito —, atitude de arrogância, pretensão ou preconceito. Um mundo de sonhos para usufruir antigos privilégios da nobreza encastelada.

Na verdade, só é possível estar na cidade vivendo como rei na condição de hóspede de um grande hotel. Nesse caso, poderemos cumprir roteiros de belezas, de luxo e sofisticação sem sequer tomar conhecimento do outro lado da moeda. Sem ouvir lamentos, apelos e suspiros vindos das entranhas escuras desse nosso *habitat*. Pois caminhar por corredores de vidro pela cidade é privilégio de hóspedes, de ilustres visitantes. São caminhos silenciosos, assépticos, livres do contágio da cidade real que sua, geme, grita e canta. Isolar-se em redomas de vidro não significa habitar a cidade nem vivenciá-la verdadeiramente. Mas sim, estar diariamente distanciado, como um estranho hóspede, que nunca partirá.

Sirenes

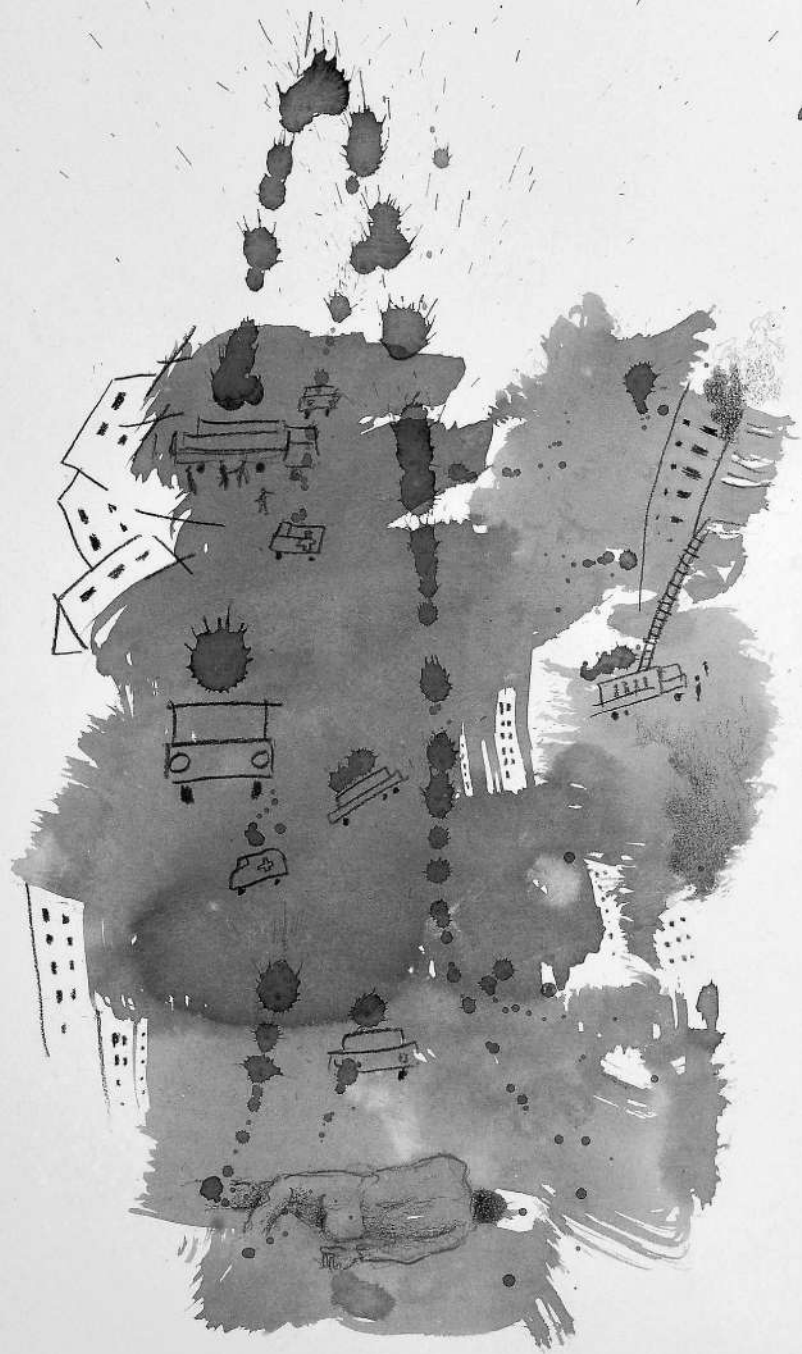
Da janela do décimo terceiro andar de um edifício no Centro, Abel acompanha a passagem de uma viatura da polícia com a sirene ligada. Qualquer um taparia os ouvidos, reclamaria do escândalo ensurdecedor daquele vaga-lume da lei enquanto costura o tecido do trânsito. Ele, ao contrário, se empolga. Vêm à lembrança os primeiros passeios com o pai pela cidade e a explicação do que eram aqueles carros com luzes piscando no teto, correndo e gritando desesperadamente pelas ruas – “Escuta! É a voz da cidade grande, um bicho que grita. E existem diferentes gritos para cada situação. Na dor, o grito é um lamento comovente rumo ao hospital. Nas ocorrências violentas, é de alerta e combate. Na febre alta dos incêndios, grita por socorro, por salvação. Há muitos outros”.

O menino cresceu atento às sirenes. Na adolescência, como *office boy*, quantas vezes perseguiu caminhões do corpo de bombeiros, viaturas policiais, correndo pelas ruas – papelada do escritório voando – na esperança de chegar aonde de repente as sirenes se calam, aonde se instala o espetáculo dramático da realidade, podendo satisfazer a curiosidade infantil de assistir à fúria do fogo combatida pelos bombeiros-heróis, presenciar uma ação policial cinematográfica...

Já adulto, sua atenção nas vozes da cidade não mudou. Acompanha de perto as alterações dos tons, as novas sono-

ridades, os fraseados, os timbres inusitados, as alternâncias de graves e agudos, até mesmo a formulação de códigos sonoros para cada situação. Sirenes são angustiantes. Tocam uma região específica da alma – nunca a mesma de uma música, dos sons naturais, da voz humana. É um grito artificial, tecnológico. Coerente com o corpo artificial e tecnológico de onde provém – a cidade. Como não se deixar angustiar pelo som dos alarmes de bombardeios aéreos, dos alertas de tsunamis, de desastres naturais iminentes, das sirenes das fábricas, dos presídios?

Abel sabe de seu estranho gosto, mas não se importa. Do alto de seu apartamento, segue acompanhando o crescer e decrescer do som das sirenes que cruzam a cidade em todas as direções. E se distrai ao identificar cada uma delas: corpo de bombeiros, polícia, ambulância... Ele sabe que algum dia o som ascendente de uma delas virá em sua direção e irá parar na sua porta. Será a sua sirene. Será a sua vez.



Duas brasileiras

// V

“Você sabe o que é caviar?” Todo santo dia, às quatro e meia da manhã, Sandra acorda com essa frase do pagode-despertador que ela programou no celular. Toma banho, põe a farda, penteia-se. Toma o café que a mãe preparou e vai trabalhar – policiar a cidade. Passa pelos rituais militares diários no quartel e sai, armada, em direção ao Centro.

Às quatro e meia da manhã, a água que o funcionário da padaria usa para lavar a calçada chega ao corpo encolhido de Kelen, que dorme num canto debaixo da marquise. Há duas semanas, aquele é seu despertador. Se não se levanta, toma um banho de mangueira gelado. Uma menina de 12 anos não deveria estar na rua tão cedo. Mas está. E sozinha, desde que se desgarrou do bando com quem perambulava pela cidade. Seus trajes são uma blusa de frio esburacada, que ela usa diretamente sobre a pele, e uma saia preta desbotada. Descalça, sempre. Mas é assim que gosta. Sai caminhando em direção à praça, onde espera pelo sol. Ela confia nele e ele não falha. Chega manso. Delicado, abre caminho entre o emaranhado de seus cabelos sujos e espalha um calorzinho gostoso em sua “cabeça oca”. Ela se entrega como se estivesse no colo de um pai que nunca teve. A cidade acorda – lojas se abrindo, carros procriando feito ratos, pessoas surgindo do nada até se tornarem multidão.



Kelen vai a uma avenida movimentada tirar dinheiro da boa vontade das pessoas ou de suas bolsas distraídas. São dez horas da manhã quando as linhas traçadas pelos destinos de Kelen e Sandra se cruzam. Elas estão frente a frente na avenida. Kelen segura as mãos estendidas de Sandra, encantada com suas unhas pintadas. As pessoas se espantam com a cena e seguem imaginando o que poderiam estar falando uma à outra, duas habitantes de mundos tão distintos. Estaria a policial tentando distrair a menina enquanto espera a viatura para levá-la à delegacia de menores? Ou é a menina que distrai a policial para escapar no meio da multidão? Negativo. A menina não cometeu nenhum crime e nem a moça da lei está usando seu poder de polícia. São apenas duas brasileiras sob o sol da manhã em um momento de comovente ternura. “Você é que pinta suas unhas?”, pergunta Kelen. “Sou eu, sim. Por quê?”, quis saber Sandra. A menina sorri: “Tão bonitas! Eu adoro cor-de-rosa”.

Horta no asfalto

Dizem, quem acorda muito cedo, entre as 4h e as 5h, assiste a um inacreditável fenômeno em determinadas ruas da cidade. Os que já viram garantem ser pura magia; para outros, não passa de invenção. É que do asfalto, ainda úmido de sereno, aos poucos vão brotando laranjeiras, limoeiros, bananeiras e um tanto de outros pés carregados de frutas maduras.

Ao mesmo tempo, nos dois lados da rua, surgem canteiros de cenouras, alfaces, pés de couve, cebolinhas, rabanetes e tomateiros. Em outro canto, galinhas cacarejam e enchem seus ninhos de ovos. Adiante, uma vaca é ordenhada para o queijo, o requeijão. Já o boi, ali junto dela, daqui a pouco será picanha, alcatra, contrafilé. O cheiro nesse trecho é muito forte. Há porcos com destino a linguiças e frangos com os minutos contados. Mas o que mais surpreende é o aquário com frutos do mar e peixes de todo tamanho e origem.

Depois do pomar, um jardim. Naquele ponto, o ar da madrugada, que se despede, é deliciosamente perfumado e tomado pela delicadeza das flores. A cozinha de fazenda, colada na horta, onde estão sendo preparados os doces, as forradas de biscoitos, as carnes defumadas e os chouriços, é uma tentação — potes de boca aberta, ansiosos por se encherem de prazer: goiabada, doce de leite, cocada, pé de moleque...

Tudo acontece muito rápido — a ordenha, as colheitas, os abates, o preparo dos produtos... Às 6h, assim que clareia o dia, as bancas estão montadas — frutas, legumes, ovos, verduras —, rigorosamente alinhadas como pelotões de soldados num desfile militar. Os agricultores da madrugada, tornados vendedores, gritam as qualidades dos produtos.

No meio da manhã, o movimento é intenso. As pessoas já saíram de suas tocas e, maravilhadas, passeiam entre as barracas, colhendo frutas, verduras, ovos, potes de doces e flores. O almoço em dia de feira é fresco como o da fazenda. Sonho efêmero de um dia apenas. Antes de cair a tarde, ele se desfaz.

Desaparecem as bancas, as frutas, as flores, os vendedores, os fregueses, o vozerio. As ruas voltam a ser ocupadas por ônibus, carros, motos e pessoas que se arriscam na travessia. O asfalto se fecha, torna-se a carcaça rígida e sem vida de todo dia. Mantém-se assim por uma semana, até a volta dos feirantes e de sua fazenda de sonho.



A cara da rua

A rua sempre traduz a imagem de determinada época. Por isso é tão interessante. Em cenas urbanas do século XVIII, XIX, vemos carruagens, mulheres de vestidos longos e homens de terno e chapéu. No começo do século XX, automóveis pretos, mulheres de vestidos mais curtos e homens ainda de terno e chapéu. Nos anos 1960 e 1970, automóveis coloridos, mulheres de minissaia e homens sem terno e sem chapéu.

E agora, na segunda década do século XXI, qual é a cara da rua? Talvez você não saiba responder. É que ela passa, todos os dias, diante do seu nariz e você não a vê. Ou você apenas vê algumas partes “mais atraentes” do corpo dela.

A cara da rua continua invisível. Vale o esforço: encare-a. Como a um espelho. É divertido, é necessário. Esqueça o colesterol de carros que entopem as vias, mire os humanos.

Repare bem: as mulheres estão de vestidos de todos os comprimentos, de calças coladas, se equilibrando em agulhas altíssimas, carregadas de adereços. Normal.

Os homens, ah! Os homens deram um salto estético rumo à libertação. Lembra aqueles cavalheiros sisudos das ruas antigas com ternos de cores sóbrias e chapéus iguais? Esquece.

Os novos machos estão de brincos, colares vistosos, bonés e tênis coloridos, camisetas de todo tipo e... bermudas!



Não as antigas, que não passavam de calças curtas, discretas. As de hoje são espalhafatosas, se expressam. Multicoloridas, exibem uma diversidade visual que beira o infinito. Geométricas, abstratas, figurativas. Ídolos, super-heróis, paisagens, flores, ondas do mar, nuvens, pássaros, animais, palavras de ordem, apologias. Combinam texturas inimagináveis, demarcam áreas visuais em recortes absurdamente livres – numa perna, listras diagonais; na outra, xadrez. Um tsunami criativo que sai arrastando os antigos princípios de harmonia do universo da moda. E o que é intrigante: não se repetem.

Esse surto visual atinge seu ápice quando as bermudas-alucinógenas se juntam a camisetas estampadas, tênis astronáuticos, bonés cheios de atitude e tatuagens – nos braços, nas panturrilhas, no pescoço, lá estão: dragões, coroas de espinho, mulheres, folhas de maconha, juras de amor...

Você pode não gostar do que vê, não se reconhecer na imagem que está no espelho, mas essa é a cara da rua do seu tempo. De certa forma, a sua cara.

Insetos

A cada sinal fechado, um enxame de abelhas zumba, até largar em disparada à frente dos carros — abelhas-operárias em plena atividade. Levam papéis importantes, comida, bebida, flores, presentes. Polinizam negócios, voando de empresa em empresa. Estão aos milhares pela cidade e não param de se multiplicar.

Leco é uma delas. Nasceu há três meses numa colmeia de Yamahas. Entrega comida chinesa das 14 às 22 horas. Cursa o ensino médio na parte da manhã. Precisa cumprir seu turno escapando das mórbidas estatísticas do trânsito, que estende diariamente corpos de abelhas jovens no asfalto, jazendo em poças de mel — no bolso, o carnê de pagamento em 60 vezes da máquina de vida e morte. A barriga da fábrica não para de gerar suas crias; a publicidade continua inventando histórias de superpoderes e velocidade para seduzir garotos; o país mantém empregos e impostos.

Há uma espécie exótica de mosquitos multicoloridos que surgem aos finais de semana nos arredores da cidade. Seu *habitat* são as montanhas, o mato e a lama. São belos e inofensivos. Efêmeros, aparecem e desaparecem com o sol. Renan é um deles. Jovem empresário, bem-sucedido, praticante de *motocross*, a salvo do punhal das ruas — inseto de domingo.

Vado é o inseto da periferia. Numa madrugada de sábado, deixa a namorada em casa e em cinco minutos

está em frente ao portão da casa da avó, com quem mora desde criança. Sem desligar o motor, desce da moto para abrir a garagem. “Passa o celular. Entra sem olhar pra trás, sem dar um pio.” A ordem surgida do nada lhe empurra as costas com o cano de aço.

Obedecer, claro, lhe preservaria a vida. Trancado por dentro das grades do portão, vê a moto chorar, presa entre as pernas do bandido encapuzado, até se tornar silêncio e lembrança. Sem atirar, o cara mata o motoboy, recém-contratado por uma pizzeria, e seu sonho. Poucos dias depois, desnortado, Vado sobe na garupa de um comparsa e passa a praticar assaltos à mão armada. Para a agência de veículos, ele continua sendo o cidadão que honra seus compromissos. Para a avó, anda fazendo uns bicos. Para si próprio, é um macho corajoso e astuto. Para a polícia, um inseto letal que precisa ser combatido e eliminado. Mas de que importa a vida de insetos?



Credo urbano

Creio que o relógio despertará na hora programada e que o pão será assado na padaria. Vou até o ponto de ônibus com a certeza de que ele passará no horário e me levará ao trabalho, do outro lado da cidade. Terei sorrisos e cumprimentos abrindo o dia. Sei que o chão da empresa estará varrido, os móveis limpos; os primeiros mísseis aromáticos de café disparados da copa me atingirão em cheio. Certamente as pilhas de sacos de lixo na rua terão desaparecido durante a noite. O elevador atenderá ao meu chamado, me deixará no piso solicitado. A banca de revistas estará aberta, servindo jornais recém-saídos do forno. Escolas, tão cedo, já estarão arando e semeando a terra fértil dos alunos. A água estará filtrada e pura num abrir e fechar de torneiras. Sem dúvida, frutas paradisíacas terão sido colhidas e rodopiarão no liquidificador da lanchonete. O arroz e o feijão serão servidos no almoço. As tetas da vaquinha de papelão estarão cheias de leite gelado no supermercado. Ao sinal verde de pedestres, acredito na faixa de travessia livre e segura. As placas de mão e contramão, respeitadas. Creio que os aviões seguirão os comandos da torre para decolagens e pousos. Boto fé na sabedoria de pássaro dos pilotos. Acredito que o projecionista exhibirá, na sessão que eu escolher, o último filme do Almodóvar. Creio na eternidade das livrarias, nas fontes de cerveja e alegria dos bares, na



persistência dos músicos, na resistência dos artistas. Creio nos que não dormem para dormirmos em segurança, nos super-heróis das urgências e em suas sirenes salva-vidas. Creio que a beleza prevalecerá por seus obreiros.

A confiança no estranho e no outro distante — a força motriz das engrenagens da cidade. Essa rede de pequenas certezas nos ampara, nos conforta. Conscientes ou não, vivemos necessariamente ligados por fios invisíveis da trama delicada de prestação de serviços, gentilezas, acordos, regras, princípios... uma espécie de ternura social — flor nascida entre pedras de desconfianças, explorações, preconceitos, injustiças. A cidade é um monumento à confiança, à fé social. Pode crer.

Vagas

Fazia uma hora que Fred estava rodando em busca de uma vaga para estacionar o carro. Não encontrava. Em princípio, buscava por perto, na região onde tinha um compromisso, insistindo nas várias voltas pelo quarteirão. Aos poucos, foi ampliando a área da busca, já se conformando em andar um pouco mais, caso a vaga estivesse longe.

Mas não teve sorte. Nem longe, nem muito longe, ficando cada vez mais difícil. Pelo celular, avisou que se atrasaria um pouco aos que o esperavam para a reunião.

Continuou circulando. Já se passavam duas horas e... nada! Os carros estacionados não se moviam, parecendo colados no chão. O tempo foi passando. Quatro, cinco horas, e ele rodando em vão.

Com a chegada da noite, certamente as pessoas sairiam do trabalho, pegariam seus carros e ele finalmente teria o seu espaço.

A noite chegou. As pessoas deixaram os locais de trabalho, mas o carro algum deixou o lugar. Por volta das 20h, Fred parou em fila dupla, ligou o pisca-alerta e, correndo, entrou num bar. Precisava usar o banheiro.

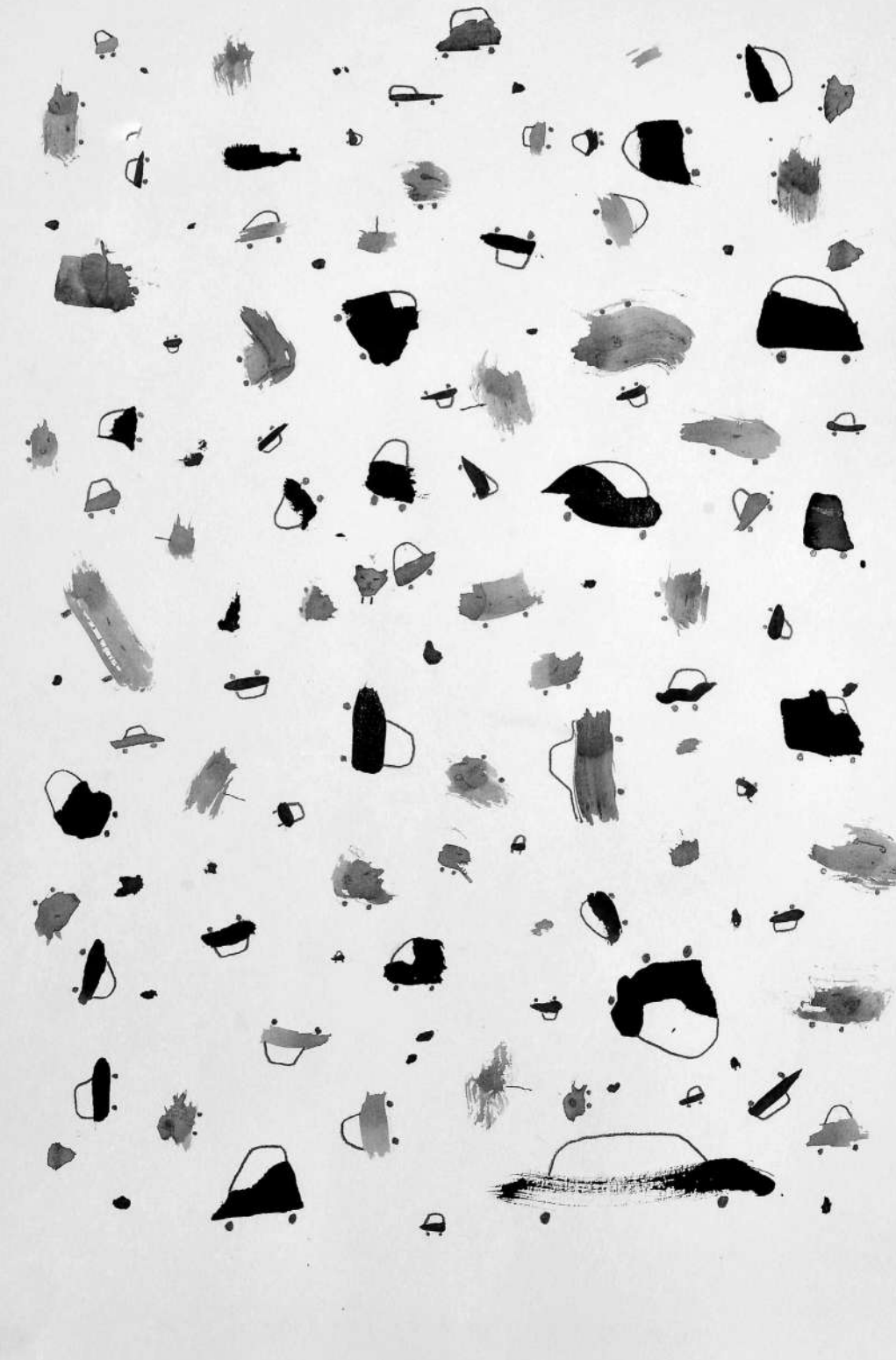
Voltou sem demora, para continuar a busca. Depois da milésima vez passando pelo mesmo lugar, lá estava ela, a bendita vaga! Posicionou o carro para fazer a baliza. Mas, antes de engatar a ré, um carro encostou ao lado e

o motorista lhe apontou uma arma: “Passa a vaga, se não quiser ir mais cedo pro inferno!”.

Sem questionar, Fred trocou a ré por uma primeira e saiu em disparada, inconformado. Às 22h, pediu um sanduíche pelo celular. Em poucos minutos, o *motoboy* já lhe entregava o pedido. Saboreou o lanche com o carro ainda em movimento, mas mantendo os olhos atentos e vermelhos para conferir a fileira sem fim de carros estacionados.

Atravessou a madrugada rastreando ruas e avenidas, sem sucesso. Como rodava em marcha lenta, em alguns pontos tinha que se desvencilhar das figuras da noite em busca de “programa”. Quando nasceu o sol, passou por uma padaria. Dali mesmo, gritou seu pedido a uma compreensiva balconista, que levou até ele um café e um pão com manteiga.

O dia seria longo e quente. Embora sem um momento de descanso, não lhe passava pela cabeça desistir. Paciência e determinação eram virtudes de Fred. Certamente, em algum lugar, por ele estaria esperando a sua tão sonhada vaga.



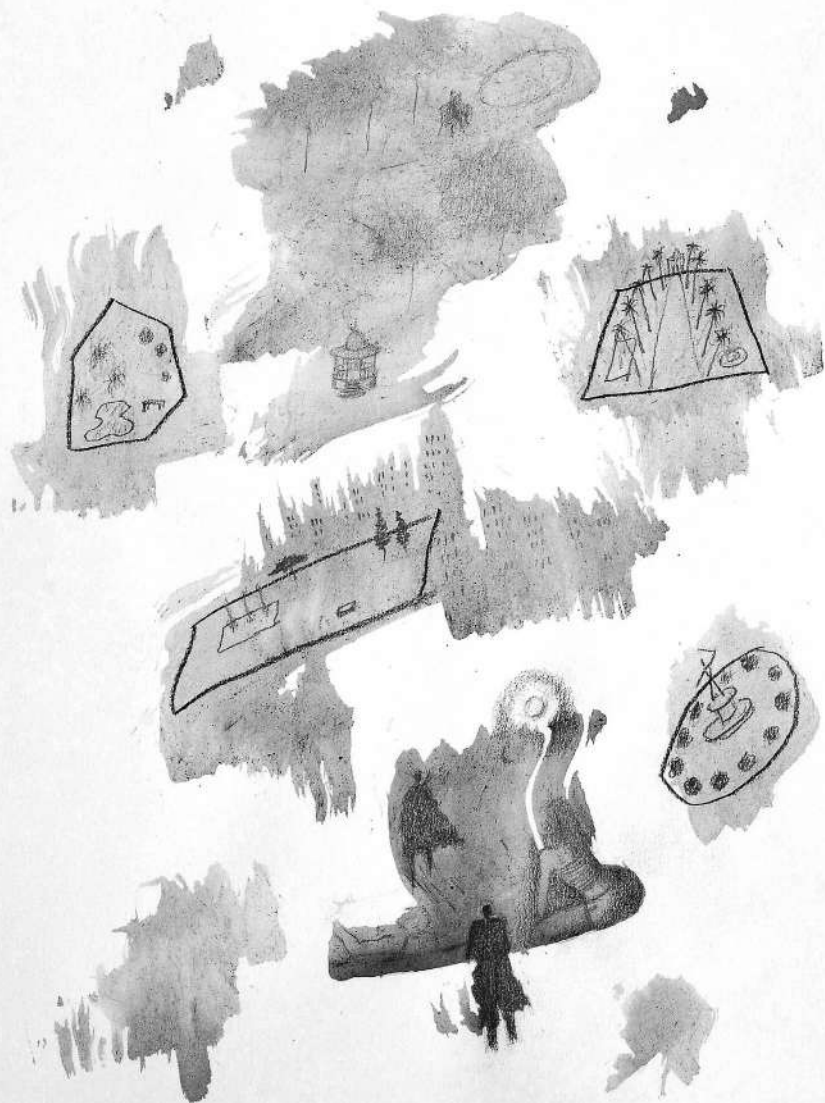
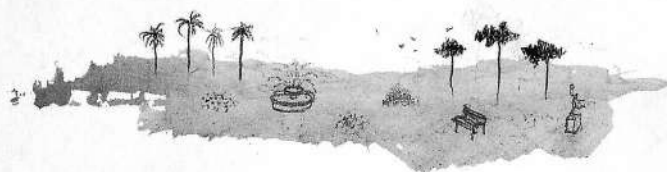
Praça

Praça: lugar de pausar rios de gente e empoçar pessoas. Remanso para dar um tempo, consultar mapas, traçar planos. Ou simplesmente “estar”. Disponibilizar-se, abrir diálogos, adiar compromissos. Afrouxar o nó da gravata, todos os nós. Tirar os sapatos, descer dos saltos. Tornar-se permeável, acessível. Afiar o fio dos sentidos.

As praças pairam no espaço da memória. De todos os tamanhos e formatos, são famosas ou anônimas. Por motivos particulares, elegemos nossas praças na cidade, no mundo. A elas se reserva um lugar especial nas lembranças, e revê-las é como rever alguém que se ama — relação de fidelidade espontânea, descompromissada.

Do último encontro, das entregas, dos sentimentos arrebatados — pura beleza — não se estabelece nenhum retorno, nenhum grau de saudade, nenhuma jura. Liberdade de amar sem vínculos e... partir. Somos a parte que sai, que se desprende e voa mundo afora.

A praça — a que fica — guarda uma porção de afeto, a que nos cabe, retribuída no retorno como se fôssemos seu único amante — e não o somos. No banco ao lado, ela beija um homem grisalho. Mais à frente, deita-se na grama com um jovem e declara-se a uma adolescente. Lê um romance a uma idosa, consola uma mulher que mira a fonte, excita o policial que ainda nem sabe que a ama.



Ninguém se importa com a diversidade de sua doação, com a liberalidade de seu comportamento. A cada um é oferecida a afeição na medida certa — sem negativas, sem promiscuidade.

Estendida ao ar livre, a praça regula o espírito de acordo com o humor do céu. Em dias abertos, ensolarados, se escancara, se despe em permissividade — árvores carregadas de maçãs do amor. Com todos os bancos ocupados, a tristeza não tem como se sentar.

Em dias fechados, escuros, ela se tranca, chora. Não está para ninguém, finge-se de surda. Cobre-se dos pés à cabeça, hiberna. Quem a procura nesse estado reconhece a beleza fosca da melancolia, das águas profundas sem luz, dos ambientes sob a névoa, da alma na penumbra. Dominam as forças centrípetas — pensamentos e sentimentos convergem em direção ao centro da praça, ao centro de cada um.

À noite, a praça abusa do álcool, avança sinais morais, suga a veia dos poetas boêmios, come a carne de aves noturnas que ali pousam. De manhã, desperta sem ressaca, sem culpa. Lava o rosto na fonte e cai nos braços dos primeiros visitantes.

Teia de números

Pitágoras acorda sufocado com a mão do despertador apertando seu pescoço: 6 horas. Seus 2 metros e 80 quilos precisam se levantar. Tem sua primeira entrevista de trabalho às 8 e são 2 ônibus para pegar: o 4701 e o 3002. É o terceiro de 4 irmãos e, aos 22 anos, ainda vive de mesada. Há 2 anos, sofre de dúvida universitária. Medicina, Direito – com livros de 400, 500 páginas –, nem pensar.

Mora com o pai num apartamento de 2 quartos, a 4 quilômetros do Centro. Os 2 irmãos mais velhos estão casados; o caçula, há 3 anos, viaja à moda *hippie* pelo litoral brasileiro. De 15 em 15 dias, liga para o pai pedindo “100 pau”. A mãe, aos 50 anos, apaixonou-se por um americano de 40, muito rico, e mudou-se para uma casa a 3 milhões de dólares dali. Nada mal!

Pitágoras passa, pelo menos, 3 meses por ano com a mãe. Gosta do inverno a 15 graus negativos e da piscina aquecida, de 20 metros, dentro de casa. Lá, para manter a forma, malha 3 horas por dia. Submete-se aos números, resignado... 998, 999, 1000 abdominais, 500 vezes para os braços, 50 minutos de esteira e 1 litro d’água a cada hora.

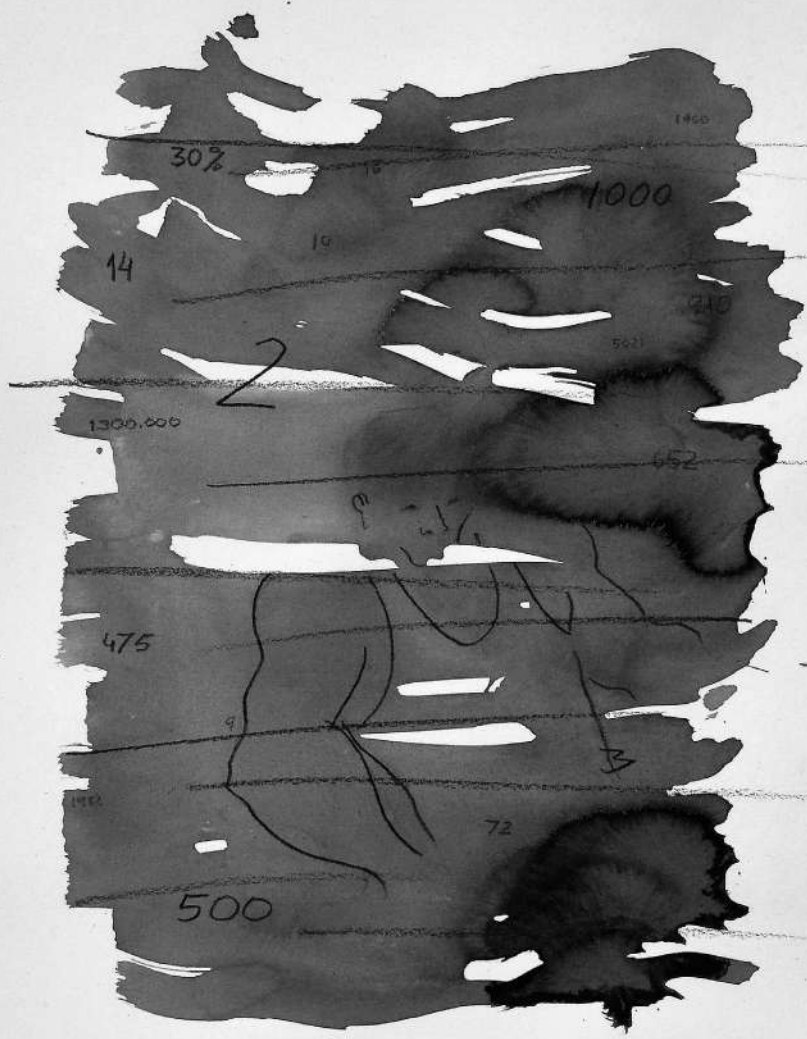
Às 12h30 vai ao *self-service*, a 3 quarteirões dali, para almoçar. Sua média é 1 quilo e 200 gramas. Rigoroso, compõe o prato com 30% de verduras, 30% de carboidratos e 40% de proteínas.

O pai almoça com ele e, antes de comer, toma 4 comprimidos – remédios para o coração. Repete a dose 3 vezes ao dia. Há 6 meses sofreu um enfarto.

A partir de então, vem tentando desacelerar. Mas, hoje, dia 31, as contas precisam ser pagas até as 16 horas: R\$ 1.200,00, R\$ 326,00, R\$ 139,60, R\$ 478,25 e tantas outras – das de cartões de crédito à do jazigo perpétuo, comprado recentemente.

Lembra ao filho que, se quiser visitá-lo num futuro breve, seu endereço será Alameda 29, jazigo 316. Terminado o almoço, o homem tira do bolso um vidrinho com tampa de conta-gotas. “Floral de Bach, meu filho, receita de uma amiga. 15 gotas, após o almoço”. Com a cabeça virada pra cima e a boca aberta, os números vão caindo junto com as gotas.

O olhar de Pitágoras deixa o pai e seu conta-gotas para observar o restaurante. Pela primeira vez sente-se dominado por lenta e gradual obsessão – conta as mesas, as cadeiras, as pessoas na fila do caixa, os garçons. Nesse momento, veio-lhe a lição dos primeiros números na escola: 1,2,3,4,5,6... a turma repetindo em voz alta, tecendo, sem o saber, os primeiros fios da teia de números que os enredaria para sempre.



30%

1465

1000

14

10

210

2

502

1300.000

652

475

9

3

1982

72

500

Grãos mágicos

Karlesson e Kerlesson são gêmeos nascidos e criados na roça, numa família de trabalhadores rurais. Suas diferenças não passam das primeiras vogais de seus nomes. Idênticos, a ponto de serem confundidos pelos próprios pais, os irmãos combinaram chamar um ao outro de A e E. O sol constante os coloriu do mesmo marrom de café torrado. Cresceram bonitos, dividindo identidades e namoradas, até que lhes surgiu a bifurcação da personalidade. A não quis se afastar do campo. Gostava do cheiro de mato, da terra, dos pés de café nevados de flores ou enfeitados de grãos. O espírito curioso e aventureiro de E o fez tomar o rumo da cidade grande. Amava a diversidade de cheiros, de coisas para ver, a sedução das ruas, os labirintos das construções e os prédios – “baitas árvores carregadas de gente”, descrevia para o irmão.

Aos dezenove anos, Karlesson – que seguiu os passos do pai – trabalha nas lavouras de café de uma fazenda no Sul de Minas. Vai de moto para o trabalho, com fone de ouvido e mil músicas no MP3. Vários de seus companheiros agem da mesma forma: dispensam a carroceria do caminhão apinhada de gente. Mergulhado no mar verde do cafezal, ocupado na colheita do café, A para, com um punhado de frutinhas vermelhas na palma da mão, e pensa no irmão que está longe. Sério e verdadeiro como



alguém que escreve uma carta de amor, pede para aqueles grãosinhos levarem um abraço para E.

Kerlesson é garçom em uma cafeteria em Belo Horizonte. Ali, são servidos cafés especiais, em grãos torrados, moídos na hora, que o freguês escolhe em potes de vidros expostos nas prateleiras. As etiquetas são certidões de nascimento dos melhores cafés do mundo. Entre eles está o “Café do Sul de Minas”. O irmão urbano pega precisamente esse pote, atendendo ao pedido de uma das mesas. Abre a tampa e se deixa envolver pelo aroma divino do café torrado. Ao passar do vidro ao moedor, alguns grãos escapam e caem no balcão. O moço os cata e para, com os grãosinhos torrados na palma da mão. Sem quê nem por quê, pensa no irmão rural e estranhamente sente o seu abraço.

No começo da noite, ao sair do café, Kerlesson coloca o capacete e monta em sua moto. Antes de dar partida, confere se os grãos mágicos estão no bolso do casaco de couro.

Karlesson sempre está em casa antes do anoitecer. Hoje, não. Deixa-se levar pela moto até o ponto mais alto da lavoura, assistindo ao sol, que incendeia os pés de café e se estende ao infinito.

Quartos

Ninguém precisa de uma casa para viver. Precisa, sim, é de um quarto. Meu quarto, minha vida. Um quarto: a menor fração pra habitar no mundo. O resto – banheiro, cozinha, sala, copa, área de serviço, varanda, outros quartos, mais banheiros, terraço, sala de TV, *closet*, *hall* – são “puxadinhos”, num esticar sem fim de necessidades civilizadas.

Mas, no fundo, bem lá no fundo dessa morada excessivamente fermentada, pulsa o núcleo gerador e preservador da vida e da intimidade: o quarto. Como semente, esconde-se no interior da casa. Para se chegar até ele, os espaços sociais devem ser transpostos como obstáculos. Estar em um quarto é estar a um passo do corpo, de si mesmo ou do outro.

“Aluga-se quarto com vista para o nada, completamente vazio.” Quatro paredes e um teto bastam ao jovem que deixa a “banda da família” para viver os riscos e as aventuras da carreira solo.

“Aluga-se corpo vistoso, absolutamente vazio.” Quartos carnívoros abrem e fecham suas bocas ansiosas e famintas, acendem e apagam fogos de artifício na noite da cidade.

A soma de dois corpos e um quarto resulta em infinito, ou no zero.

A espera vazia no quarto órfão.

O quartinho dos fundos onde o inquilino guarda objetos pessoais e solidão.

A suíte presidencial – trezentos metros quadrados – no hotel de luxo.

A ausência que se acende no quarto onde a presença se apaga para sempre.

O quarto crescente do adolescente. O quarto min-guante do velho.

Quartos divididos por 2, 3, 6 – milagre dos beliches.

Cheiro de sexo industrial no quarto da prostituta.

Flores secas, inodoras, no quarto do convento.

Quarto de hotel magicamente se autoarrumando.

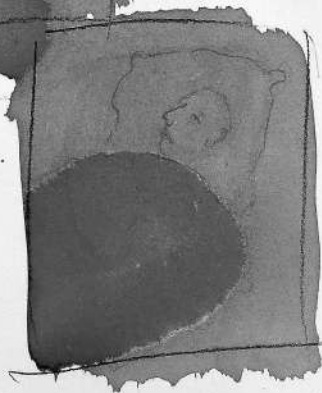
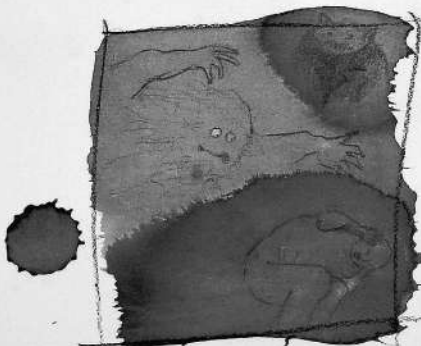
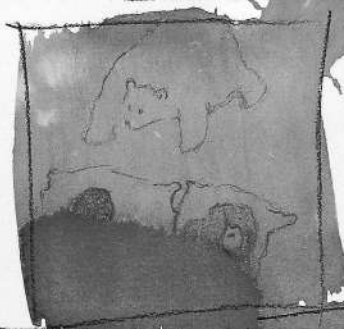
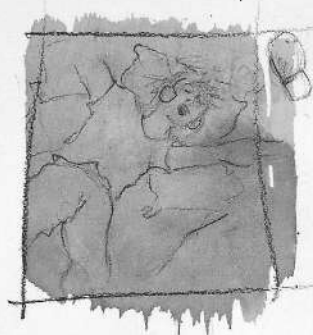
Mistério e fantasias do quarto ao lado.

Fantasmas que não deixam o quarto assombrado.

O quarto de casal – barco em lenta viagem, sem volta, do Caribe à Antártida.

A insuportável pressão das paredes no quarto do suicida.

Na cidade esquartejada, cada corpo tem seu quarto – nas alturas, nos porões, nos hotéis, nas pensões. Quartos de cetim, de papelão, iluminados de sonhos, escuros de pesadelos – nos presídios, nos quartéis... O quarto: útero de onde se é parido diariamente.



Falhas

P roibido falhar na fala, na escrita, no trânsito, na roupa que se usa, na cama. O sorriso deve ser branco e alinhado; o corpo, cheiroso; a casa, arrumada; as contas, pagas.

A máscara da perfeição esconde o rosto da realidade.

O mito da perfeição nos subjuga. Cruel e seletivo, seu arsenal de dominação é poderoso. A cada vez que se manifesta, ele nos impõe sua máscara até que alguma falha nos devolva a face real das coisas e situações.

Orquestra sinfônica, cinema, voo de avião, mesa de banquete, Olimpíadas, patinação artística, os chapéus da rainha Elizabeth – expressões da perfeição que nos capturam. Sabemos que a falha aguarda o seu momento. Permanece oculta, em estado latente nos tempos perfeitos, nos lugares imaculados. Repentinamente ela surge do nada, desmascara a perfeição – o instrumento desafina, falta luz no cinema, ocorre pane no motor do avião, a taça de vinho se quebra sobre a toalha branca, o maratonista desmonta a cem metros da chegada, o patinador escorrega e cai, o pombo lança seu protesto no chapéu da rainha.

Não se veem erosões, barrancos em paisagens europeias ou qualquer desarmonia em jardins japoneses. Parecem cenários perfeitos, irretocáveis, até que a realidade imprevisível de enchentes e terremotos rasgue as roupas da terra, abra feridas e espalhe a desordem.



Como uma religião, a perfeição tem sacerdotes, templos e liturgia. Fiéis seguidores permanecem atentos aos dogmas da moda, da gastronomia, da televisão, do *design*, da beleza, da tecnologia, frequentando seus templos — lojas de grife, restaurantes finos, concertos ou ambientes sofisticados.

Movidos pela crença de que a perfeição é a verdade a ser atingida, perfeccionistas se entregam a todo tipo de sacrifício e submissão em nome dela. Não obstante, suas falhas consistem no demônio que tanto teimam em exorcizar.

Depois de mantida prisioneira por séculos e ter-se libertado apenas na modernidade, a arte vem nos acudir; vem nos livrar da camisa de força da suposta perfeição; vem nos lançar na dimensão humana das imperfeições, das manchas, dos erros, dos tombos, dos tortos, dos rotos, dos podres, dos rasgos, das fragilidades, das limitações, dos desvalidos — dimensão de Caravaggio, de Francis Bacon, de Basquiat.

Emoções públicas

Sábado de Carnaval. Um grupo de amigos disputa o espelho do banheiro. Vestem-se com roupas da mãe e da irmã e atacam o *kit* maquiagem de uma amiga. Contornam gargalhadas com o batom e ajeitam a peruca na cabeça “calibrada”. Vestido, pernas cabeludas e tênis: conjunto perfeito para o bando se jogar no desfile do bloco. Enchem o elevador de loucura, ensaiam afetações, falsas delicadezas e saem, deixando beijos vermelhos nas paredes de fórmica. Próximo dali, a rua da fantasia se concentra pra sair desse mundo para o mundo da lua – sem identidade, sem compromisso, sem preconceitos. Tudo virado e revirado numa deliciosa mistura.

Domingo de outono. O sol – o primeiro a chegar – vem manso, aquecendo a praça para o concerto da Filarmônica. Aos poucos, as cadeiras vão sendo ocupadas. No palco, músicos afinam instrumentos num caos de timbres. “Cantam mal estes pássaros, não?”, um pombo comenta com outro, bicando uma pipoca no chão. “É verdade, quem são?” “Sei lá. Aves migratórias, talvez.” Dez em ponto. Aplausos para o maestro. Depois, o silêncio absoluto. A beleza invade toda a praça. *As quatro estações*, de Vivaldi, cruzam as alamedas, desarmam o policial, correm na grama entre casais e crianças.

1970. Bares lotados. O país inteiro se liga na TV. Ruas desertas, bomba verde-amarela armada à espera do apito

final. Quando soa, o país explode – tricampeão do mundo! A rua se entrega à multidão enlouquecida – buzinaço, gritaria, bandeiras, como se o mundo acabasse em Brasil. A bola, naquele momento, brilhava como o sol, em plena noite de medos e fantasmas da ditadura. Por isso, a festa libertária. Um dia, só um dia, para abrir as asas por tanto tempo fechadas. Tomar a rua. Tomar “todas”.

Junho de 2013. Fato impensável: computadores desligados, jovens na rua. Milhares deles brotando do chão da pátria – chão redescoberto sob o asfalto do dia a dia sufocado por carros, violência e corrupção. O chão da pátria, oculto sob nossos pés, aguarda a hora e a vez de ressurgir em passeatas, manifestações, atos públicos. Quando o pisamos com as caras pintadas, hinos e bandeiras, despertam em nós emoções políticas que nem mais sabíamos existir.

Emoções públicas nascem e crescem nas ruas. Alimentam-se de ar livre e céu aberto. Surgem da concentração de um sentimento coletivo – luta, conquista, perda, celebração –, implantando em nós um coração social.



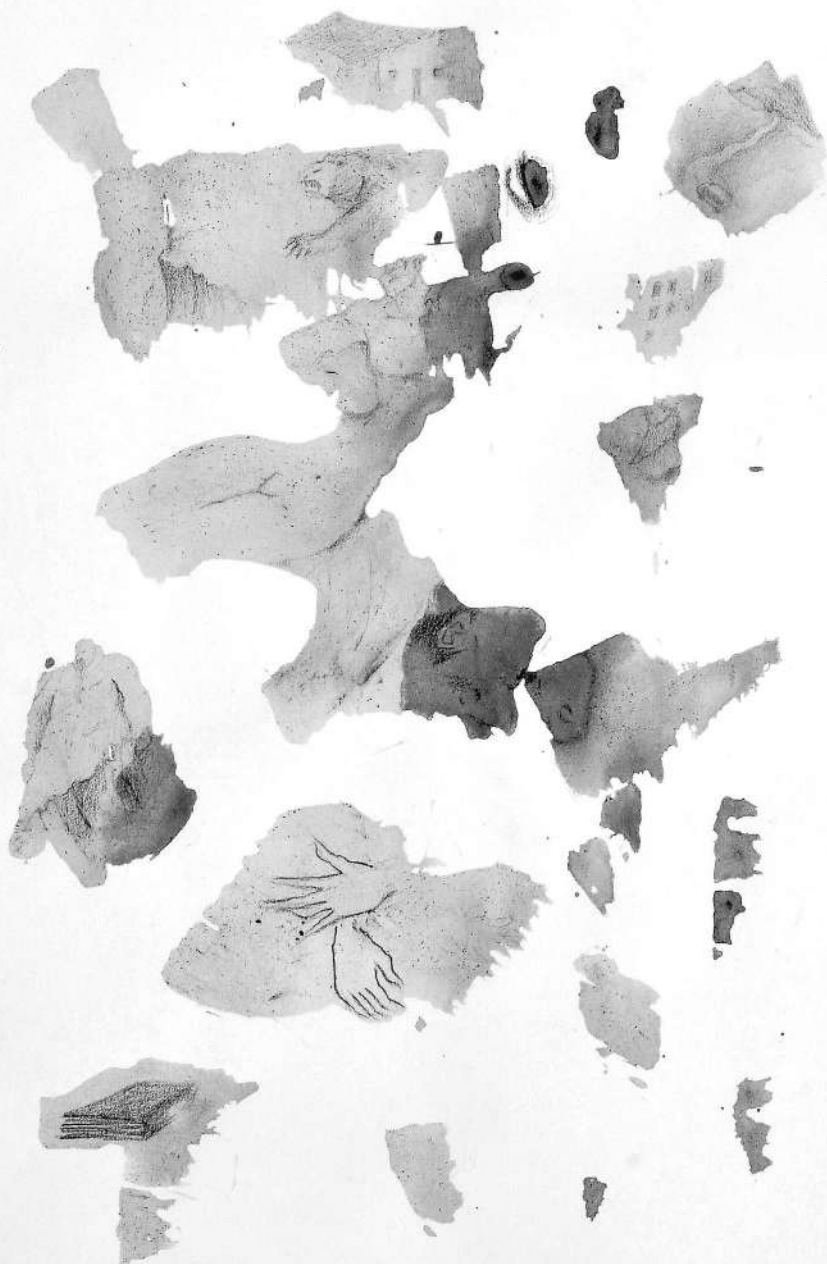
Cacos

Pedaços de quintais, trechos de viagens, cantos de rua, rodas de amigos, partos, despedidas, a primeira vez de tudo, quarto de irmãos, quartos vazios, pessoas recortadas, fatias de festas, certas mesas, camas do mundo, algumas mãos, malas prontas ou desfeitas, ausências insuportáveis, estradas desaparecendo na neblina, gozos, momentos escuros...

A vida não é peça de porcelana intacta, perfeita, e sim, um monte de cacos. Repassá-la aos olhos é como passear no Parque Güel, em Barcelona. Casas onde habitamos, sonhos, praças da infância, mitos da adolescência, tudo inteiramente revestido de cacos, como na obra de Galdí.

Histórias se quebram com o tranco da viagem no tempo. Que dirá, ainda, pessoas e seus corpos de barro. Pai, mãe — diamantes duros —, nunca os tivemos inteiros. Mais tarde, com o soco da morte, suas inúmeras faces mais ainda se separam, espalham-se em constelações cada vez mais distantes. Imagens do presente caem no redemoinho da memória e se estilham a cada rodopio. Nunca as teremos completas como na origem.

O que temos nas gavetas de nossos cacos? Na infância, gavetas de sonhos de açúcar, amigos de chocolate, amores de brinquedo. Na gaveta da escola, merendeiras abertas, provas do crime do não saber, atestados de timidez, cores. Na da adolescência, banhos reveladores, *check-in*



nos espelhos, mergulhos em poços de dúvidas. Na gaveta da juventude, frutas no ponto, roupas comestíveis, mochilas aladas. Na maturidade, gavetas de máscaras sérias, filhos-tatuagens, viagens ao céu e ao inferno do mundo adulto. Na gaveta da velhice: retalhos, botões secos que nem chegaram a se abrir, porta-retratos vazios.

Obras concluídas: o contraponto dessa angústia. O objeto realizado – comum ou de arte – conserva a trajetória da origem à conclusão e sua relativa permanência. Sua presença alivia o incômodo da inconclusa fragilidade da existência.

Música, escultura, pintura, arquitetura, como obras unas – regra geral – representam esse contraponto. Cinema, teatro, vídeo, dança, literatura, jornal, televisão repetem a conformação da vida na reunião dos fragmentos – edição de imagens, gestos, textos, trilhas e *performances*. Por essa razão, essas obras mantêm o sentimento perturbador da latente desintegração: servem-se dos mesmos cacos que compõem a vida.

Rua

Que se passa, amigo, assim tão recolhido, amuado?

Saia de casa. Saia de si. Devolva ao fundo do armário os álbuns do passado, as caixas de lembranças, deixe dormir os mortos. Leve ao sol a alma há tanto tempo no escuro. Ainda há tempo, e muito. Não tome a dose diária do veneno de suas mágoas. Fuja do inferno das decepções, das ingratidões, feche o choro do chuveiro, tome banho de chuva.

Abandone o quarto fechado, asfixiante. Abra a porta ao vento. Lá fora, renda-se à sua força, deixe-se desfolhar, deflorar; que lhe arranque as raízes, a memória, as roupas. Mostre tudo.

Escape do derrotado que quer o seu corpo e o seu lugar. Monstros do passado não sobrevivem ao ar livre e à liberdade da rua. Repare só: os olhos se tornam olhos de bichos, alertas, instintivos, impessoais. Os corpos exalam odores de cio, vontades reprimidas — rio de desejos que corre contido pelas margens dos acordos da civilização e da moral. Os gestos, cuidadosos, controlados. Os passos, cautelosos. Como saber quem caminha ao seu lado? Um ser carinhoso? Um bandido?

Quebre as paredes do conforto, do conformismo, da segurança. Dance com os loucos, beba com estranhos, prove do fruto proibido. Arrisque-se.

Explore a rua — mina inesgotável de matéria con-

temporânea –, alimento de todas as artes. Laboratório da realidade prática, cemitério de teorias, planejamentos urbanos e sociais. Teatro vivo de revoltas, manifestações. Lugar do inusitado, do acaso, da surpresa – um corpo que cai, outro que dorme na calçada, outro que se vende.

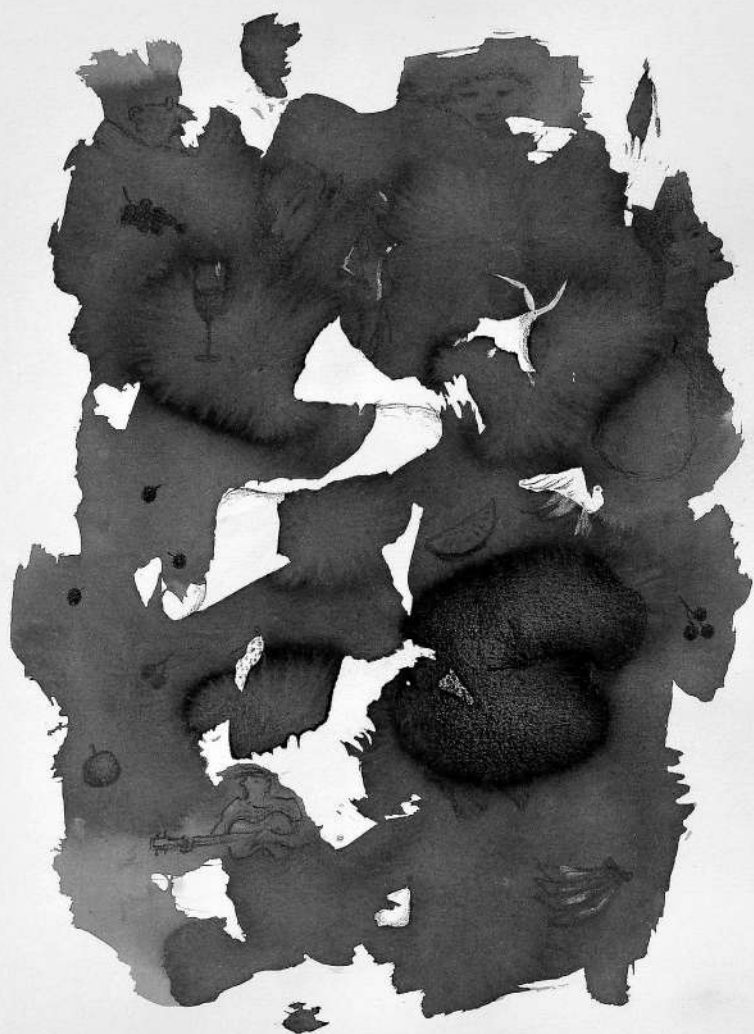
Divirta-se nesse grande e caótico mercado que se estende do Centro à mais longínqua periferia – diversidade absurda de serviços e mercadorias: corte de cabelo, roupas, tecidos, comidas, bebidas, quinquilharias chinesas, obras de arte, chaveiros, consertos, móveis, imóveis, automóveis, pães, tatuagens, cartomantes, loterias, *pet shops*, livros, revistas...

“Aqui, você é multidão, é coletivo”, são as vozes da rua que gritam. Em sua fogueira, queimam-se individualismos, sentimentos pessoais, particularidades.

Há bebês por todo lado no início da viagem. Você não os teve, mas eles também lhe pertencem. Não custa dar-lhes um pedaço do seu doce.

Por fim, amigo, anote aí:

Contra os fungos que corroem a alma, em tempos sombrios, uma dose de rua, uma vez ao dia. E basta.



Acordar

Dormir é um ensaio diário da morte – uma morte que não se completa. Fecham-se as portas do consciente, abrem-se as do inconsciente, quando adormecem desacertos, aflições, vaidades e dores. O sono nos obriga à pausa, ao pouso. O sedutor Hipnos, deus grego do sono – pai de Morfeu, deus dos sonhos –, nos quer prisioneiros de uma noite sem fim. Resiste a nos devolver ao sol da realidade, dos compromissos, das dúvidas. Luta como pode: cerra cortinas, faz da cama o melhor lugar do mundo, usa armas desleais – travesseiros, lençóis macios, sexo. Como deixar essa porção de paraíso e se lançar espontaneamente ao inferno da briga lá fora?

Mas os inimigos do possessivo deus têm arma letal: o despertador. Com ele, acordar dói. Doía mais, é verdade, quando ele era um perverso torturador em forma de relógio: cara redonda com números e ponteiros em tinta fosforescente que brilhava no escuro. O “monstrinho” esperava você dormir profundamente e, no último sono, o mais gostoso, no finalzinho da madrugada – TRRRR-RIIIIIIIIIIIIMMMMMMM –, gritava o mais alto que podia bem junto ao ouvido. Só parava mesmo com um tabefe no pino-cala-a-boca que você mesmo, ingenuamente, havia armado pra garantir que ele disparasse na hora certa (Certa, não. Nunca. Não existe hora certa em um despertador. Sua função é eliminar o sono exatamente na hora errada).



Carrasco e frio, observava sua vítima indefesa se esconder debaixo do travesseiro, entre os lençóis. O sádico torturador assim se divertia, assistindo da mesa de cabeceira ao sono dar o último suspiro sob o ataque de agulhas do chuveiro. De longe, ouvia-se o deboche de seu risinho cínico: tic tac tic tac tic tac. Alguns terminavam espatifados contra a parede, com suas engrenagens, molas, parafusos e o maldito pino-cala-a-boca voando pelos ares.

Os carrascos do sono sobreviveram e estão entre nós. Evoluíram, são menos cruéis. Disfarçados de celulares, são hoje bonzinhos, delicados na hora da execução – começam a cantar, de forma muito suave, a canção que nós mesmos escolhemos para acordar. Pausa. Respeitosamente nos concedem uns minutinhos a mais. Voltam a cantar um pouco mais alto, depois outra e outra vez, sempre com as respeitosas pausas, e cada vez mais alto. Assim, vão matando o sono aos poucos, em pequenas doses de veneno mortal, misturado à nossa canção preferida.

Miseráveis

Longe, já o pressentimos pelo mau cheiro, que só aumenta à medida que se aproxima. Quando passa por nós, dispara sentimentos de rejeição de toda ordem – nojo, repugnância, ânsias de vômito. O fortíssimo cheiro ácido-pútrido desperta lembrança de fezes, urina, secreções, feridas abertas, comida azeda. Excrementos que culturalmente nos envergonham, negados por nós. Intolerantes, não vacilamos em tapar o nariz e virar o rosto. Falta-nos a coragem para encarar a imagem agressiva da extrema degradação de um ser social. Como se evitássemos um espelho implacável, pelo medo de enfrentar o olhar do miserável e nele nos reconhecermos. Fato absolutamente possível. Aquele traste foi algum dia o que somos hoje. Gerado, amamentado, banhado e vestido, possivelmente até amado, eis que, num determinado momento de sua vida e por alguma forte razão, sela-se o rompimento da trama de sua rede social. A partir de então, ele assume o penoso papel do personagem incômodo na cena urbana. O corpo apodrecido com trajes em frangalhos é exageradamente real para a peça fantasiosa da rua.

Retire-nos casa, família, amigos, banho, água corrente... o miserável que dorme em cada um de nós desperta. Sem o arsenal dos produtos de higiene e limpeza, nossos odores selvagens – domados em rituais diários –, vêm

à tona, tomam o ar à nossa volta, ampliam a bolha fétida da qual somos nós o centro. Buscamos um canto na cidade para passar as noites — sob um viaduto, uma casa abandonada, uma marquise. Em pouco tempo, as roupas se tornam trapos imundos. Outros miseráveis estarão por ali, dividirão conosco sua companhia precária. Entre eles, não há repulsa. Não se assustam com as mazelas e os pruridos alheios. Misturados a lixo, ratos e baratas, talvez possam receber a visita de uma estranha e fugidia felicidade. A alma humana não se limita às dimensões e limitações do corpo. Toma muitas vezes a direção oposta à da degradação física.

A fruta que apodrece traz a imagem da morte, e isso nos horroriza. Tratamos de tirá-la de cena, como se nos livrássemos da morte. O miserável com quem nos deparamos nos expõe a fragilidade e a impermanência do cidadão civilizado que, com muito esforço, carregamos vida afora. Sua presença nos ameaça com a possibilidade de eclodirem os podres que nos habitam, de revelarmo-nos incomodamente humanos.



Povo

Manhã de sábado. Menino de 5 anos conversa com o pai na varanda de seu apartamento em bairro nobre de Beagá. A vista é como a de um pássaro voando alto, bem alto.

— Onde fica o povo, pai? — Ali, ó, naquele morro, naquele de lá e em muitos outros lugares da periferia.

— Você não é povo? Não, filho, não sou. Já fui. Nasci no interior, numa família pobre. Minha mãe morreu muito cedo e meu pai veio com os cinco filhos para Belo Horizonte tentar a sorte. Mas logo depois ele também se foi. Batalha pesada, mas vencemos.

— Um dia você acordou e não era mais povo? Foi assim? — Não. A passagem foi lenta. Entrei na escola, depois na universidade e me tornei advogado. — Você tem uma foto de quando era povo? — Tenho uma, no Parque Municipal. Era o programa de todo domingo. De graça, lógico!

— Pai, me leva no povo? — O quê? — É, pai, eu quero ver como é que ele é, de pertinho. — Tá, eu levo. Vamos ao ponto de maior concentração de povo por metro quadrado: o Centro da cidade.

Vão de ônibus, descem no meio da muvuca. O pai aponta, como um guia. — Ali, ó! O pipoqueiro, o *office boy*, as moças no balcão da lanchonete, está vendo? O policial, a mãe com as quatro crianças, todas aquelas pessoas no ponto de ônibus. Olha só, o senhor de cabeça



branca com o carrinho lotado de caixas de papelão; o vendedor de loteria; o vendedor de DVD pirata; o casal de namorados se beijando; os adolescentes de uniforme e mochila; o engraxate; o moreno forte com o menino no colo; o gari varrendo a rua; o homem de muletas; os *motoboys* em movimento, estacionando; os limpadores de vidraças no andaime. — É tudo povo, pai? — É sim, filho!

— Hoje vamos comer só o que o povo vende na rua, tá?, diz o pai. Pipoca, cachorro-quente, amendoim torrado, água de coco, milho-verde, picolé...

Assim, pai e filho cumprem o roteiro gastronômico das ruas, sentam-se na Praça Sete, compram anel *hippie* de caveira, doam moedas para a estátua viva se mover, ouvem música boliviana, entram em roda de capoeira. E após horas de “*pop tour*”, exaustos, tomam um táxi e fazem o caminho de volta para casa. Calados, até que o silêncio é quebrado: — Você estudou pra ser advogado, né, pai? — Foi. — E os seus irmãos, pra serem médico, engenheiro, professor, né? — Isso mesmo, filho! — Eu quero estudar pra ser povo, viu?

Portas

Ao dar os primeiros passos livres em casa, a criança sabe que “ir além” é passar pela porta da rua. Vê que as pessoas desaparecem e surgem por ali, naquele pedaço colorido de parede que se move e range. A curiosidade estica os olhos para fora, quando o abre-e-fecha da porta dá um tempo. A rua proibida é feita de luz, brilho, sol, vento e chuva — pura sedução. E o que teria nela de tão misterioso e ameaçador? Gente grande sabe e ensina: do lado de fora da porta mora o perigo em forma de gente, o lobo mau — que pega criancinha pra fazer mingau —, monstros pescadores com iscas de “balinhas”. Sabe ainda, mas não conta, dos prazeres que também moram lá fora. O ímã da novidade nos atrai desde pequenos. A fuga para a rua, irresistível: o sabor da liberdade — aventuras e riscos. Tudo a partir da porta aberta. O mundo começa ali, no primeiro passo da soleira. Fora de casa tudo é estranho e imenso. Quebrada a casca do ovo, tudo é novo — a cria cai na vida. A cada vez que sai, vai mais longe... Por quantas portas ainda passará? E quantas lhe serão abertas? Quantas permanecerão trancadas?

Com o tempo, saberá que no caminho do direito de ir e vir há uma porta que não se abre com justiça nem igualdade. Sua chave é cara e o porteiro, corrupto. E, mesmo assim, não se deixar abater. Há tantas outras acessíveis... As da amizade — as primeiras a se abrir; as

do amor — raras; as do sexo — algumas trancadas, outras, sem trinco; as dos segredos — guardados a sete chaves; as da arte — permanentemente abertas; as entreabertas — das promessas, das possibilidades; as que ela abrirá ao baterem; as que manterá fechadas por segurança, por capricho, por solidão...

Mas que nunca esteja do lado de dentro da pior das portas — a do cárcere —, vendo preso o pássaro da liberdade e a tristeza profunda de ter a rua novamente proibida — o mal estando, desta vez, do lado de dentro da porta.

Ao final da travessia de todas as portas do caminho, duas surgirão do delírio terminal, construídas de imaginação e fé, imponentes — cada uma à sua maneira —, imateriais, oníricas, aguardando o veredicto final para uma ou outra se abrir: a porta do céu e a porta do inferno.



Fugaz

Rei, mestre, aliado, inimigo, algoz, implacável: o Tempo. Pássaro invisível, voando sempre à frente. E nós, obstinadamente, em seu encalço. Pretensão de pegá-lo em datas-armadilhas — aniversários, casamentos, Natais, *réveillons*. Alegria pela expectativa de tê-lo na mão. Cauteloso, vem vindo, comendo os dias e as noites, até chegar à data armada. Dia e hora marcados, em roupas de festa, corremos a conferir a presa. Nada. Armadilha vazia. Parecia tão certa a captura... Fugidio, ilusório, lá está ele, acenando de longe, do lado de fora da festa, mais uma vez. Imagem de arco-íris, etérea, intangível — miragem. Restam-nos seus rastros como consolo e prova de sua passagem — obras, fatos, fotos, cicatrizes, ressacas. Evidências de que passou por aqui, passou por nós e em nós. Tentamos outra forma de retê-lo. Fazemos dele um bolo e o fatiamos em séculos, anos, meses, dias, horas, minutos, segundos. Guardamos os sabores ou dissabores do que já foi servido. O amargo das fatias de guerras, de ditaduras, de perdas; o doce das fantasias da infância, da juventude; o cremoso prazer dos amores adultos; o azedo das carências, dos adoecimentos... Qual o sabor desse ano que passou, agora com o prato já vazio? A fatia de Ano-Novo está servida. Seus sabores ou dissabores se guardam para a lenta degustação diária. “Feliz Ano-Novo!” diz a mensagem na “armadilha” de cartões, postagens,



vitruines. De uma distância segura, o Tempo ri e instiga: “A felicidade está comigo. Alcancem-me! Quem se habilita?”. Então, no primeiro dia do ano, nos lançamos numa São Silvestre de 12 meses para alcançar o Tempo e nossos sonhos.

O ano será tão diversamente feliz quanto o são diversas as pessoas. Alguns o querem exuberante e farto; outros, que não falte o arroz e o feijão. Para uns, perder a barriga, ganhar musculatura; para outros, que a morte os retire de sua lista anual. Para o adolescente, o rosto sem espinhas; para o cadeirante, lugares sem escadas. Para o fabricante de biquínis, muito sol; para o fabricante de sombrinhas, chuva abundante. Para os donos de hospitais, pacientes; para os pacientes, paciência. Para os atores, público; para o público, espetáculos públicos... Ao final do ano, por favor, lavem seus pratos.

MARCELO XAVIER

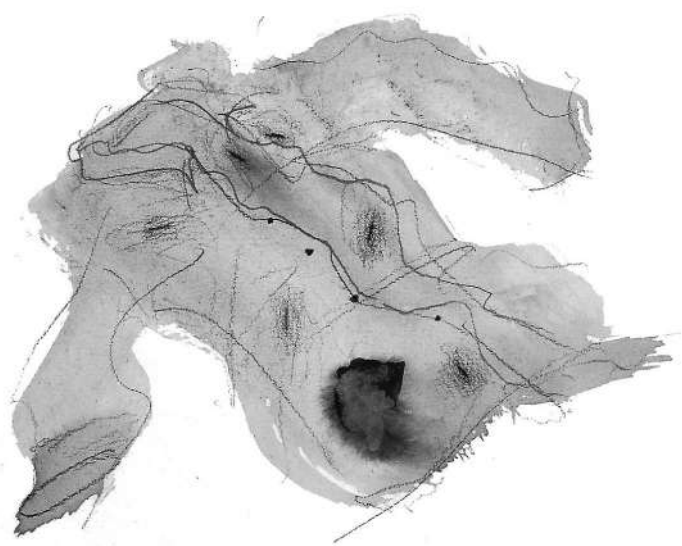
Sylvio Coutinho/Arquivo da editora

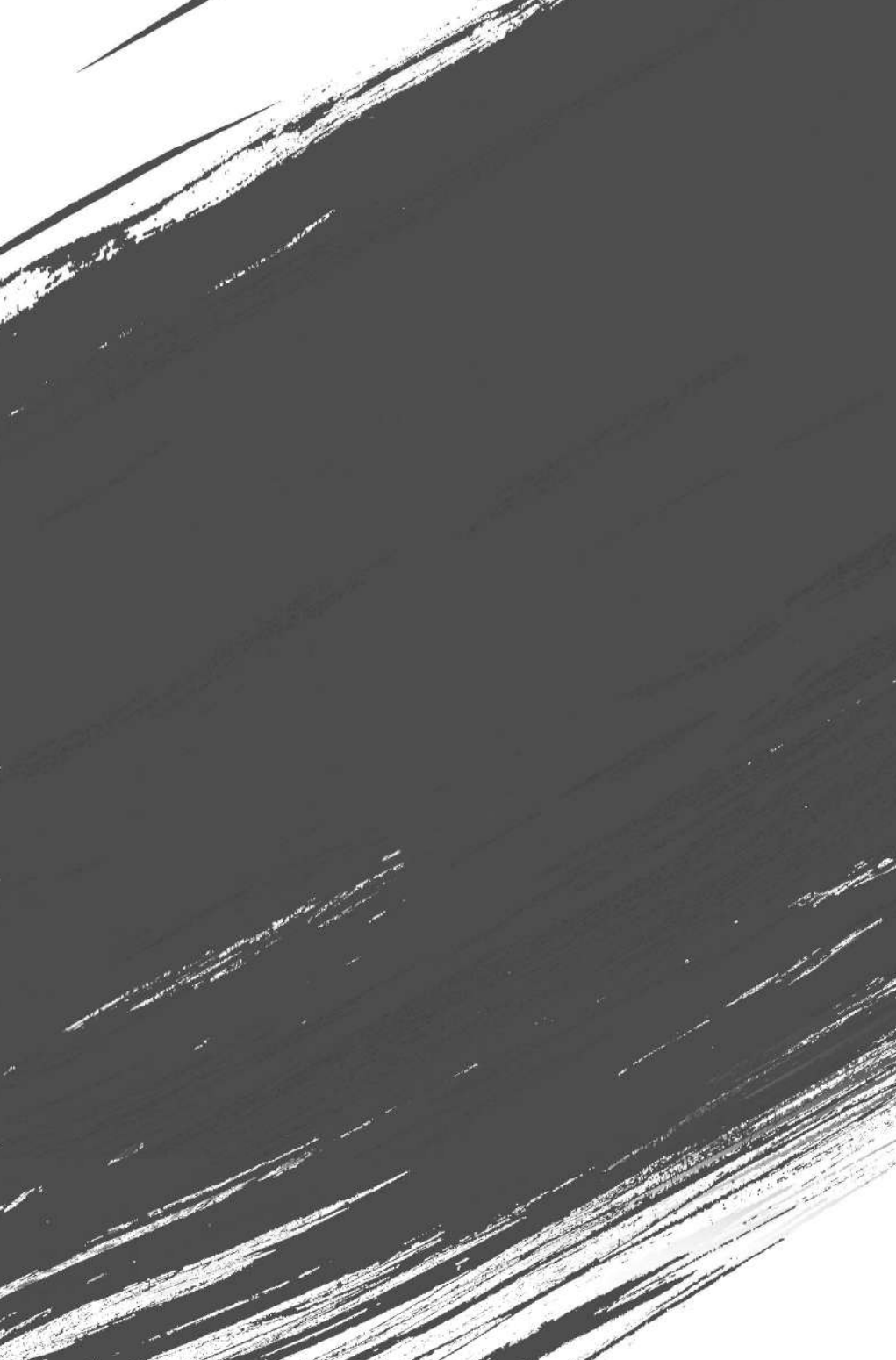


Marcelo Xavier nasceu em Ipanema (MG), em 1949. Formou-se em Publicidade e é artista plástico autodidata. Desde 1986 desenvolve um trabalho com ilustração tridimensional: personagens e objetos de cena são moldados em massa plástica, montados em pequenos cenários e fotografados. Desde junho de 2012 é colunista do jornal *Hoje em Dia*, no qual escreve, às terças-feiras, crônicas com um olhar inusitado sobre a cidade e seus moradores. Cada crônica tem inspiração diária. “É tudo fresquinho. Saído do forno que nem pão de queijo”, compara o mineiro. *A cara da rua e outras crônicas* é uma compilação de 31 desses textos, selecionados e ilustrados pelo próprio autor, que afirma: “A cidade me fascina. A possibilidade de intervir em seu corpo é instigante”.

O gênero literário crônica, por essência, faz uma mistura poderosa de literatura e jornalismo. Nesta obra, indicada para alunos de 8ª e 9ª anos do Ensino Fundamental, Marcelo Xavier acrescenta a esses ingredientes seu olhar especial diante das ruas.

Com bom humor e sagacidade (pré-requisitos para uma boa crônica), o autor e ilustrador revela a complexidade das relações humanas e da tomada de decisões perante a guerrilha estética, despojada e precária, que é espaço social onde vivemos. Através dos textos e das ilustrações, concentra-se na relação do indivíduo com os animais, os objetos e o mundo a sua volta, e na nossa atuação e interação com a sociedade, com as emoções públicas, destacando assim a importância do exercício de cidadania de cada um. Dessa forma, apresenta aos leitores dos anos finais do Ensino Fundamental crônicas alinhadas ao tema Sociedade, política e cidadania.





Agora, em pleno século XXI, qual é a cara da rua?
Você saberia responder a essa pergunta?

Neste livro de crônicas, o premiado Marcelo Xavier apresenta a cara da rua através da sinfonia de cores que há nela; do ponto de vista das ervas daninhas; das emoções públicas; da vida dos objetos; das diferentes metamorfoses que sofremos ao longo do dia e da vida; dos insetos que vivem em meio à guerrilha estética, despojada e precária, que encontramos na cidade. E não deixa que o leitor volte para sua toca sem antes tomar uma dose de rua.

ISBN 978-856800535-4



9 788568 005354